

MESTRADO
ECONOMIA INTERNACIONAL E ESTUDOS EUROPEUS

TRABALHO FINAL DE MESTRADO
DISSERTAÇÃO

AS ROÇAS DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE:
DO SEU PASSADO, AO FUTURO POR REINVENTAR

MANUEL BELARD DA FONSECA BESSA

OUTUBRO – 2022

MESTRADO
ECONOMIA INTERNACIONAL E ESTUDOS EUROPEUS

TRABALHO FINAL DE MESTRADO
DISSERTAÇÃO

AS ROÇAS DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE:
DO SEU PASSADO, AO FUTURO POR REINVENTAR

MANUEL BELARD DA FONSECA BESSA

ORIENTAÇÃO:
PROF. DOUTOR ANTÓNIO AUGUSTO DA ASCENSÃO MENDONÇA

OUTUBRO – 2022

Resumo

As Ilhas de São Tomé e Príncipe ganharam um destaque nacional e mundial no decorrer do século XIX, que se prolongou até ao final do terceiro quartel do século passado. A razão para este destaque, esteve na produção massiva e de renome das roças de São Tomé e Príncipe, onde diversas culturas agrícolas eram exportadas para a Europa, chegando a ganhar a alcunha de Ilhas do Chocolate, pela sua famosa produção de cacau. Esta dissertação fará uma abordagem histórica e económica das ilhas de São Tomé e Príncipe. Falar-se-á das ilhas até ao ciclo do cacau, passando pela explicação de como as roças foram ocupando o território e foram moldando as comunidades que nela habitavam. Da elite que ocupou as roças e da sua mão de obra precária, da independência desta região insular ao mercado do cacau, esta dissertação mais do que se centrar no passado, quer sim, projetar o futuro das ilhas. Este estudo mostra que São Tomé e Príncipe ainda tem um longo caminho a percorrer, a sua dependência externa ainda é muito presente e os fundos alocados nem sempre têm a melhor gestão. É apresentado como hipótese um projeto que volta a pôr as roças como protagonistas, com a esperança de que estas se tornem uma alavanca económica que trará benefícios não só ao combate da dependência externa, como também, e principalmente, ao melhoramento das condições das suas infraestruturas e comunidades.

Palavras-chave: São Tomé e Príncipe, Roças, Cacau

Abstract

The Islands of São Tomé and Príncipe gained national and world prominence during the nineteenth century, which lasted until the end of the third quarter of the last century. The reason for this prominence was the massive production and renown of the farms of São Tomé and Príncipe, where several agricultural crops were exported to Europe. This dissertation will take a historical and economic approach to the islands of São Tomé and Príncipe. We will talk about the islands until the cocoa cycle, explaining how the plantations occupied the territory and shaped the communities that lived there. From the elite that occupied the plantations and their precarious labor, from the independence of this insular region to the cocoa market, this dissertation, rather than focusing on the past, wants to project the future of the islands. This study shows that São Tomé and Príncipe still has a long way to go, its foreign dependence is still very present, and the allocated funds do not always have the best management. A project is presented as a hypothesis that puts the plantations back in the spotlight, with the hope that they will become an economic lever that will bring benefits not only in combating foreign dependence, but also and mainly, in improving the conditions of their infrastructure and communities.

Keywords: São Tomé and Príncipe, Plantations, Cocoa

BRINDE A' ILHA DE S. THOMÉ

*“Eu brindo à ilha altaneira,
à verde filha do mar.*

*Brindo ao leque da palmeira
que agita, à brisa fagueira,
a sua palma estrangeira,
onde a lua vem bailar...*

*Eu brindo à ilha altaneira,
à verde filha do mar!*

*Brindo ao murmúrio dos ventos
na cathedral da floresta.*

*Brindo aos aéreos lamentos...
que traduzem sentimentos,
n'aquelles vagos momentos
em que a tristeza molésta.*

*Brindo ao murmúrio dos ventos
na cathedral da floresta!*

*Brindo ao mar que, em serenata,
entoa doida canção,*

*e, como um disco de prata,
manso a circunda e retrata
n'uma mística sonata,
ao sabor da viração!*

*Brindo ao mar, que em serenata,
entoa doida canção.*

*Brindo a tudo quanto encerra
o Éden do Equador.*

*Brindo, pois, à minha Terra,
e mais aos lírios da serra,
a tudo quanto descerra
meu flébil canto d'amor...*

*Brindo a tudo quanto encerra
o Éden do Equador!”*

João Belard da Fonseca, in Azul, 1903

Agradecimentos

Quero deixar em primeiro lugar, o meu agradecimento à minha família. Aos meus pais, por todo o apoio ao longo de todo o meu percurso académico, e pelos valores e educação que transmitiram a mim e aos meus irmãos. Agradeço também aos meus irmãos, por todo o companheirismo, e amor partilhado ao longo destes anos que fazem de mim a pessoa que eu sou.

Quero agradecer a Deus, por tudo o que faz e continua a fazer por mim, n'Ele confio e n'Ele entrego a minha Fé, para que nesta breve passagem que é a vida, eu mostre cuidado e atenção para com o próximo, onde não me deixo consumir por rancor, mentira ou vaidade.

Ao meu orientador, o Prof. António Augusto da Ascensão Mendonça, pelo acompanhamento e ajuda no decorrer deste trabalho, e pelo seu entusiasmo e motivação com o tema. Aos vários entrevistados que disponibilizaram do seu tempo para falar sobre a sua experiência em São Tomé e Príncipe; à diretora científica da Roça Diogo Vaz pela partilha e entrevista; ao Rodrigo Rebelo de Andrade e ao Duarte Pape pela disponibilização da sua obra e pela amabilidade para conversar; e aos meus amigos que se fizeram presentes, nos vários desafios ultrapassados nos últimos meses.

Em memória do meu avô António e do meu primo Francisco Xavier Mantero que já não se encontram entre nós. Apaixonados por África, especialmente São Tomé e Príncipe, lugar que já foi casa, e onde guardavam ricas memórias. Deixar uma nota de apreço pelo Francisco, que desde o primeiro momento se mostrou disponível para me ajudar nesta dissertação, e que infelizmente foi interrompida com a súbita notícia da sua morte. A estas ilustres figuras, dedico-lhes com muita estima o trabalho realizado.

Por tudo aquilo que mencionei e pelo que ficou por dizer, o meu obrigado.

Lista de Siglas e Abreviaturas

ADI – Partido da Ação Democrática Independente

BAD – Banco Africano para o Desenvolvimento

ECF – *Extended Credit Facility*

ESG (Investing) - *Environmental, Social, and Governance*

FMI – Fundo Monetário Internacional

ICCO - *The International Cocoa Organization*

IDE – Investimento Direto Estrangeiro

MCISTP – Movimento Cidadão Independente de São Tomé e Príncipe

MDFM – Movimento Democrático Forças da Mudança

MLSTP – Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe

MLSTP-PSD – Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe – Partido Social Democrata

ONG – Organização não governamental

PCD – Partido de Convergência Democrática

PIB – Produto Interno Bruto

STP – São Tomé e Príncipe

UDD – União Democrática para o Desenvolvimento

US\$ - Dólar Americano

Índice

Resumo	I
Abstract	II
Agradecimentos	IV
Lista de Siglas e Abreviaturas	V
I. Introdução	1
II. Revisão da Literatura	2
2.1 <i>As Ilhas de São Tomé e Príncipe até ao Ciclo do Café e Cacau</i>	2
2.2 <i>Novo Paradigma Económico & Social: a introdução das roças e seus ecossistemas.</i> 3	
2.2.1 <i>A Introdução das Plantações de Café e Cacau</i>	3
2.2.2 <i>As Elites Locais e a sua Influência no Território</i>	4
2.2.3 <i>Tipologia das Roças</i>	6
2.2.4 <i>A Mão de Obra das Roças: A sua Evolução e Desafios</i>	7
2.3 <i>A Independência de STP e o Declínio Produtivo das Roças</i>	8
2.4 <i>A Economia e a Sociedade São-Tomense na Atualidade: Problemas e Desafios</i>	10
2.5 <i>O Mercado de uma Commodity: O Caso do Cacau</i>	13
2.5.1 <i>Introdução Histórica do Cacau</i>	13
2.5.2 <i>Tipos de Culturas e suas Classificações</i>	14
2.5.3 <i>Produção de Cacau no Mundo</i>	15
III. Uma Estrutura Agrícola renovada para São Tomé e Príncipe	22
3.1 <i>Metodologia</i>	22
3.2 <i>Entrevistas e Resultados</i>	23
3.3 <i>Caso de Estudo: A Roça Diogo Vaz</i>	28
3.4 <i>Uma “nova Roça”</i>	31
3.4.1 <i>Uma Estrutura Repensada</i>	31
3.4.2 <i>Uma Oportunidade de Investimento Sustentável: ESG Investing</i>	32
3.4.3 <i>Entraves e desafios a resolver</i>	33
IV. Conclusão	35
Referências Bibliográficas	37
Anexos	40

Lista de Gráficos & Tabelas

Gráficos:

Gráfico 1. PIB de STP (US\$) entre os anos de 2002 e 2020	12
Gráfico 2. Produção mundial de cacau por país (%)	16
Gráfico 3. Produção mundial de Cacau por continente (%)	17
Gráfico 4. Processamento das sementes de cacau por Continente (%)	18
Gráfico 5. Processamento das sementes de cacau por País (%)	18
Gráfico 6. Consumo Mundial de Cacau por Continente (%).....	19
Gráfico 7. Top10 - Consumo Mundial de Cacau por 1000t	20
Gráfico 8. Top10 - Consumo mundial de Cacau kg/capita	20
Gráfico 9. Preço & Produção de Cacau 1960-2015.....	21
Gráfico 10. Avaliação Saúde - Entrevistados (1 a 10).....	23
Gráfico 11. Avaliação Educação - Entrevistados (1 a 10).....	24
Gráfico 12. Avaliação Governo - Entrevistados (1 a 10)	25
Gráfico 13. Avaliação Infraestruturas - Entrevistados (1 a 10)	26
Gráfico 14. Média da avaliação dos Entrevistados.....	27

Tabelas:

Tabela 1. Perguntas base aos Entrevistados	40
Tabela 2. Discriminação dos Entrevistados.....	40
Tabela 3. Perguntas – Diretor, roça Diogo Vaz.....	41

I. Introdução

A presente dissertação enquadra-se no plano curricular, e com efeito para conclusão, do Mestrado em Economia Internacional e Estudos Europeus do ISEG. O trabalho desenvolvido tem como centro, o estudo das ilhas de São Tomé e Príncipe, dando ênfase às roças – polos urbanos e económicos que marcaram o território e moldaram a cultura do país – como também as suas plantações, destacando o cacau. A Economia Internacional, toma um papel fundamental na resposta às carências desta nação insular, pela dependência existente de financiamento externo, de voluntariado internacional, e de políticas internacionais que colaborem na estabilização política e social do país.

Inicialmente, é abordada de forma resumida, a história social e económica das ilhas de STP até ao Ciclo do Café e Cacau, sendo a partir daí, feito um avanço temporal constante, onde se destacam temas centrais que moldaram a personalidade das ilhas. Será dada principal atenção: às roças e os seus polos económicos; a independência de STP, e o conseqüente declínio das roças; a atualidade das ilhas e os desafios que enfrentam; e também será abordado a história e a economia da *commodity*¹, cacau.

Na segunda parte desta dissertação, é apresentada uma hipótese de projeto, onde através de entrevistas a profissionais ou voluntários de terreno, e de um caso de estudo a uma roça já renovada, é dada uma robustez à ideia principal deste trabalho, a reabilitação das roças para fins agrícolas e turísticos, e o seu impacto positivo nas pessoas e no país. No decorrer da estruturação do projeto, é referida a importância do repensar a roça, tendo como foco uma matriz que se harmonize com a comunidade local. Uma boa execução deste projeto, pode levar a resultados muito positivos, que passam por ações como: a renovação de infraestruturas; uma resposta mais eficiente às necessidades sociais; um renovado polo económico; formação de novos profissionais; levando no final, a uma melhoria generalizada da qualidade de vida da comunidade da roça, e a um STP mais exportador, e com maior capacidade de crescimento económico.

¹ Uma *commodity*, é definido como um bem criado pela natureza, ou seja, uma matéria-prima que é tipicamente exportada para o mercado global. O preço de uma *commodity* é determinado pela sua qualidade e quantidade, incluindo outros fatores, como os custos de transporte (Baffes & Peter, 2022).

II. Revisão da Literatura

2.1 As Ilhas de São Tomé e Príncipe até ao Ciclo do Café e Cacau

No golfo da Guiné situa-se uma composição insular onde o equador passa, são estas as formosas e históricas ilhas de São Tomé e Príncipe. Duas ilhas desertas que foram descobertas entre 1471 e 1472 por João de Santarém e Pedro Escobar, não se sabendo se por alguma razão ou enquadramento estratégico específico. Com um clima tropical, altamente diferenciado do de Portugal continental, a dinamização das ilhas foi demorada, havendo diversas tentativas de povoamento no reinado de D. João II, sem sucesso. Uma fixação efetiva populacional, surgiu no reinado de D. Manuel I, sendo por carta régia a 22 de Abril de 1535 o povoado de São Tomé elevado a cidade. Esta fixação de colonos teve sucesso pois foi determinado por carta real que toda a escrava que estabelecesse laços conjugais com os primeiros colonos, ficaria livre até ao dia da sua morte, incluindo a sua descendência. Com isto, muitos mestiços e negros foram capazes de constituir os seus negócios, ofícios e até gerar fortuna, sendo alguns destes, destacados para ofícios do conselho (Alves de Fraga, 2006).

A primeira grande estrutura de produção agrícola da ilha, surgiu com o açúcar. No decorrer das primeiras décadas do século XVI, as culturas da cana-de-açúcar tomaram uma posição de crescente importância. A rentabilidade do açúcar surtiu um efeito de extensão da área arável para cultivo da cana, sendo criadas fazendas e estruturas de suporte agrícola à medida que a produção se tornou massiva, de forma a obter o maior lucro possível. Neste processo de crescimento, os escravos desempenhavam uma posição de destaque, sendo parte constituinte de toda a cadeia de produção. Técnicas de queimada ou corte recorrendo a ferramentas próprias para abate da densa vegetação, passou a ser uma prática comum, onde as cinzas eram utilizadas posteriormente como fertilizante (da Cunha Pinheiro, 2012).

A plantação da cana não tinha uma época específica pois os terrenos eram extremamente férteis, sem grande necessidade de pousio, os ciclos de crescimento das canas tinham uma duração que rondava os cinco meses, permitindo assim duas colheitas anuais. O processo produtivo inicia-se com o corte da cana e sua limpeza, numa

segunda fase era transportada até ao engenho, onde era moída e triturada com o objetivo de extrair o suco. Numa terceira fase, eram fervidas numa caldeira removendo impurezas, e por fim procediam à secagem. Numa última etapa, era transportado para um local de armazenamento, até o produto ser embarcado para a Europa (da Cunha Pinheiro, 2012).

A cana-de-Açúcar foi a primeira grande economia de referência em STP, porém este ciclo de sucesso teve o seu fim. Vários fatores explicam esta queda, entre eles são destacáveis o clima húmido desfavorável que afetava a qualidade do açúcar, a fuga dos trabalhadores escravos para o mato, e os seus consequentes ataques às fazendas e estruturas, gerando mortes e prejuízos. As autoridades locais não tinham capacidade para impedir a fuga e golpes dos trabalhadores revoltados com as suas condições precárias. A juntar a estes fatores, a concorrência brasileira, o enfraquecimento dos solos com a monocultura intensiva, e a praga dos gusanos foram a machadada final para o declínio e total abandono das estruturas agrícolas da cana do açúcar. Inúmeros habitantes abandonaram STP, remetendo o estatuto das ilhas durante o século XVII e XVIII, para uma região de abastecimento alimentar e repouso dos navios negreiros que circulavam pelo oceano atlântico (da Cunha Pinheiro, 2012).

2.2 Novo Paradigma Económico & Social: a introdução das roças e seus ecossistemas

2.2.1 A Introdução das Plantações de Café e Cacau

A plantação de café no Brasil revelou-se um sucesso na segunda metade do século XVIII, impulsionando a sua expansão produtiva para outras latitudes do império, incluindo STP (Souza, 2021).

Por iniciativa do governador de STP, João Baptista e Silva, em 1780 os produtores locais iniciaram a cultura do café. Os solos revelaram-se extramente férteis, permitindo aos agricultores a colheita em três períodos distintos no mesmo ano, este foi o principal fator para espoletar a atenção de comerciantes e investidores europeus e brasileiros. Entre os anos de 1819 e 1822 – um período de crescimento económico – é introduzido na Ilha do Príncipe, o primeiro cacauero, desempenhando uma função de

flor ornamental. A razão para esta introdução é responsabilidade do rei D. João VI que pouco antes do grito do Ipiranga, ordena que se faça a importação de espécies brasileiras para outras colónias portuguesas (Pape & Rebelo de Andrade, 2015).

Com este novo ciclo das *commodities* do café e do cacau, o arquipélago de STP na última metade do século XIX ganha uma nova vida e importância económica, sendo um forte *player* no mercado internacional, conseguindo fazer frente às grandes nações produtoras. O novo ciclo de produção do café e cacau apropriou-se de todo o território, conquistando tanto posições mais costeiras, como zonas de maior altitude (Pape & Rebelo de Andrade, 2015).

A rentabilidade produtiva e a elevada precipitação em toda a ilha, foram fatores chave para a dispersão das propriedades agrícolas. A estas propriedades foi dado o nome de roça, que tem por definição “desbravar mato”. As roças eram polos povoadores e estratificadores de todo o urbanismo insular, formando uma rede entre si, e tendo na sua posse equipamentos como escolas, hospitais, capelas e oficinas; como também infraestruturas, destacando os caminhos de ferro e os portos de mar. Os serviçais – denominação dada aos trabalhadores nas roças – dormiam nas chamadas senzalas, localizadas na envolvente da roça. Podemos assim constatar, que as roças operavam como microcidades, sendo muitas vezes autónomas, onde a dependência com o exterior se limitava ao escoamento do seu produto (Machado da Silva & Fernandez, 2012).

As roças de maior dimensão aglomeravam outras propriedades mais pequenas, conseguindo assim organizar um sistema logístico ideal, onde havia um lugar próprio para a plantação, outro para a produção e por fim um porto de mar para a exportação. Esta especialização em toda a cadeia produtiva, o ritmo de trabalho muito exigente, e as condições vantajosas dos solos, potencializou a exploração destes ecossistemas, que estavam numa busca constante para uma maior e melhor produção e rentabilidade (Machado da Silva & Fernandez, 2012).

2.2.2 As Elites Locais e a sua Influência no Território

No primeiro período da moderna e revitalizada agricultura de STP, compreendida entre os anos de 1855 e 1875, destacaram-se quatro figuras que são vistas

como os pais deste novo ciclo económico. São estes: Francisco d'Assis Belard – descendente de uma das mais antigas famílias das Astúrias – associado com Manuel J. Teixeira, lançou os fundamentos das roça Santa Margarida, Monte Macaco e Maianço; João Maria de Souza e Almeida – Barão de Água Izé – mestiço e notável figura deste arquipélago, criou a famosa roça que batizou o nome do seu título, Água-Izé; Manuel da Costa Pedreira iniciou a roça de Monte Café; e por último José Maria de Freitas, fundador das roças Bela Vista, Santarém e Ilhéu das Rolas (Mantero, 1910).

Num segundo período, pós 1875, surgem personalidades importantes de destacar, são elas: Francisco Mantero y Velarde, sobrinho do já referido Francisco d'Assis Belard, chega a pedido do tio para lhe ajudar com os negócios, fundando mais tarde na Ilha do Príncipe a Companhia Agrícola Colonial, contendo roças como a de Porto Real; Jerónimo Carneiro e os seus descendentes incentivaram o desenvolvimento do Príncipe com muito êxito, tendo em mãos a roça Sundy; Henrique de Mendonça Alves com a sua roça Boa Entrada foi protagonista de diversas experiências com a cultura do cacau, conseguindo resultados que levaram à criação de melhores técnicas no processo produtivo não apenas no arquipélago, mas também na Europa; José Constantino Dias – Marquês de Valle-Flôr – que se iniciou com a exploração da roça da Bela Vista, fundou a Sociedade Agrícola Valle-Flôr e que mais tarde acrescentou roças de renome como Rio do Ouro – hoje, Agostinho Neto – ou Diogo Vaz (Pape & Rebelo de Andrade, 2015), (Forjaz, 2011).

Interessante também mencionar outras duas famílias: a família judia Levy Azancot, proprietária da roça Java; e os Almada Negreiro, donos da roça Saudade, onde nasce o incontornável artista português do mesmo apelido. Com este enquadramento, é perceptível a multiplicidade de diferentes origens entre os agricultores e proprietários das roças, isto trazia uma riqueza de práticas que passavam não só pela diferença dos nomes das roças, como também de diferentes técnicas de produção, tipologia de roças, ou métodos de trabalho (Pape & Rebelo de Andrade, 2015), (Forjaz, 2011).

2.2.3 Tipologia das Roças

Com o aumento exponencial do número de unidades produtivas, STP chega às duzentas roças, incluindo os seus polos e as suas dependências. De pequenas estruturas agrícolas com morfologias simples, onde existia uma linha padrão composta por: casa do proprietário, senzalas para os trabalhadores, e armazéns para dar apoio à cadeia produtiva, as roças transformam-se em centros industrializados, onde as máquinas são introduzidas para um *output* melhorado em quantidade e qualidade. Com o passar dos anos e sempre com a missão presente de aumentar a produtividade, novas técnicas foram implementadas nas culturas de café e cacau. As roças devido ao seu padrão geográfico e de trabalho, investiu sempre numa estrutura autossuficiente. É de destaque, a introdução de equipamentos de manutenção como: estábulos, serralharias, fábricas de cal, carpintarias e oficinas; equipamentos de transformação, dando o exemplo das fábricas de sabão ou óleo de palma; e equipamentos alimentares: padarias, currais, lojas, galinheiros, entre outros. Com estas estruturas numa progressiva sofisticação, as companhias agrícolas conseguiam dar resposta a grande parte das necessidades dos seus trabalhadores que incluíam a habitação, educação, saúde, alimentação e vestuário (Pape & Rebelo de Andrade, 2015).

Nas roças havia um núcleo central, a partir do qual se organizava tudo o resto, era o “coração” de toda a estrutura da roça, por aí passavam todas as atividades, mercadorias, produtos e pessoas, chamava-se terreiro. O terreiro também servia para muitas das atividades da roça, entre elas: pagamentos ao pessoal, secagem do cacau, a formatura diária, e por exemplo as festas comunitárias. O constante evoluir das roças, levou a que aparecessem três modelos de tipologia, que se podem classificar em Roça Terreiro, Roça Cidade ou Roça Avenida (Pape, 2016).

O primeiro tipo de roça a mencionar é a roça de dimensões mais reduzidas e com o seu modelo, mais simplificado, a roça terreiro. Pode ser visto como o primeiro tipo de roça a ser introduzido, como também o presente em maior número, isto deve-se a fatores já mencionados como a estrutura mais simplificada, as dimensões mais pequenas e a sua adaptabilidade tanto ao terreno como à diversidade de produções (Pape, 2016).

A roça avenida apresenta uma tipologia que prevê uma maior organização e maturidade em relação à roça terreiro. Estas roças são visivelmente cunhadas pelo seu eixo que percorre toda a roça, tendo como principal objetivo uma ligação mais coesa entre as diversas estruturas que compõem a unidade agrícola, divididas por vários terreiros (Pape, 2016).

Por último, a roça cidade, que como o nome indica aparenta diversas características de um centro urbano. São roças de dimensão considerável, acompanhada por um elevado aglomerado populacional. Podemos dar como exemplo, a conhecida roça Água Izé que nasce de um ponto litoral e que aos poucos se vai expandindo para o interior, este incremento espacial e populacional exigiu a construção de novas estruturas, como um segundo hospital e novas senzalas, por exemplo (Pape, 2016).

2.2.4 A Mão de Obra das Roças: A sua Evolução e Desafios

A mão de obra das roças em São Tomé e Príncipe não é algo estatístico, pelo contrário, foi evoluindo e adaptou-se ao longo do tempo, onde por força de várias circunstâncias teve sempre um plano central nas histórias das roças e das próprias ilhas. Numa fase inicial o trabalho praticado nas roças foi de escravatura, um período que ocorreu entre 1850 e 1900, apesar da abolição da mesma em 1875, continuou de forma clandestina por mais alguns anos. Numa segunda fase, com o fim da escravatura, surgem os chamados serviçais ou contratados, uma evolução do antigo escravo para uma posição onde já tinha um salário. Importante referir que um contratado em 1900 não era igual a um contratado em 1970. Práticas importadas do antigo sistema escravagista perduraram algumas décadas, podemos destacar: os castigos corporais; as condições de trabalho precárias; e o quase impossível desvinculo do seu contrato (Moreira, 2021).

Numa fase inicial do ciclo do cacau, a taxa de mortalidade era elevada, serve de exemplo o ano de 1882: a taxa de mortalidade dos homens correspondia a 18,7%, a das mulheres 28% e a dos menores 25%. Estes valores elevados de mortalidade apresentavam consequências negativas para a produção e obtenção de capital, as roças

para contrariar este ciclo, criam hospitais e melhoraram significativamente as condições sanitárias dos trabalhadores. O sucesso destas medidas está expresso nos valores da taxa de mortalidade nas décadas seguintes, a partir de 1905 a taxa baixa para valores a rondar os 3,5% em São Tomé e 12,8% na ilha do Príncipe. Os principais países importadores de mão de obra, eram as colónias de destaque do continente africano como Angola, Moçambique ou Cabo Verde (Moreira, 2021).

Numa fase colonial mais tardia, nomeadamente na década de 60, as movimentações migratórias estavam a alterar a sua morfologia. O avanço tecnológico nas roças permitiu que o número de mão de obra necessário para os cultivos agrícolas, fosse substancialmente menor. A acrescentar a este fator, com o despoletar da guerra colonial o recrutamento de angolanos e moçambicanos estagna, virando as atenções para um só país importador de mão de obra, Cabo Verde. Não obstante, até 1974 os próprios são-tomenses foram requisitados para trabalhar nas roças, compondo estes e os cabo-verdianos a grande maioria populacional trabalhadora nas roças. Podemos concluir que a mão de obra foi sempre uma questão relevante no panorama económico e social das Ilhas de São Tomé e Príncipe, tanto pela sua escassez como pela forma que eram debatidas as suas condições de trabalho, por vezes deficientes ou mesmo praticamente inexistentes (Moreira, 2021).

2.3 A Independência de STP e o Declínio Produtivo das Roças

A revolução de abril de 1974 em Portugal, pode ser considerada como a impulsionadora da descolonização de STP. Esta revolução, para além de ter como objetivo o derrube do regime ditatorial do Estado Novo, também pretendia: a democratização, o fim da guerra em África, e o avanço para a descolonização e independência das nações do velho império. Em 1975 todos os territórios coloniais africanos conquistaram a independência (Alves de Fraga, 2006).

Em STP, a 12 de julho de 1975 é celebrada a independência. É iniciado um regime de partido único, ficando no poder Manuel Pinto da Costa do MLSTP. O estado autónomo e independente concede através da nova constituição, cidadania a todos os

residentes das ilhas. Com a saída de quase todos os portugueses na descolonização, estes foram substituídos por forros² na administração das roças, incluindo a sua comercialização. A fraca ou inexistente formação dos novos proprietários, levou a uma rápida degradação das estruturas agrícolas, como também ao declínio progressivo da exportação de cacau. Isto causou um êxodo rural exponencial, onde um número considerável de habitantes das roças se mudou para a cidade (Seibert, 2015).

Entre os anos de 1979 e 1991, houve uma queda acentuada dos trabalhadores agrícolas de STP, passando de 14.500 para 8.860. Em 1990 o Banco Mundial financia uma reforma agrária, em que o governo desfaz as grandes roças, parcelando a terra e distribuindo-as a 8.735 antigos trabalhadores agrícolas em regime de usufruto. Esta reforma agrária surtiu pouco efeito, visto que não teve efetividade na fixação da população nas zonas rurais, passando a população urbana de 33% em 1991 para 67% em 2012 (Seibert, 2015).

A repressão política, de traço ditatorial, do primeiro governo pode ser olhada como uma mancha negra na transição democrática de STP. No início da década de 80, motins contra o regime levaram à consequente punição e aprisionamento de populares são-tomenses, esta repressão liderada por cubanos foi violenta, tendo-se registado casos severos, incluindo mortes. Viveu-se um período de medo em que a liberdade de expressão foi restringida, e onde quem fizesse oposição ao governo, sofreria as consequências por tal. Foi também um período frustrante, onde parecia imperar a mentira que os líderes de governo pregaram por um país melhor, e no final apenas tomaram o lugar do colonizador repressor. A juntar à instável conjuntura política, a crescente pobreza e falta de qualificação da população retardou o crescimento económico (Nascimento, 2018).

O crescimento demográfico que se regista, não é acompanhado pela criação de novos empregos devido às estruturas económicas e sociais deficitárias. A ilha de STP após 1975 estagnou, havendo casos onde se pode afirmar que retrocedeu, dando como

² Forro é a definição de um natural de São Tomé e Príncipe, abrangendo tanto os naturais de origem africana, como os mestiços que se formaram com o cruzamento de etnias no decorrer dos séculos (Espírito Santo, 2012).

exemplo os antigos serviços das roças, que, depois de nacionalizadas, abriram falência em 1980 (Nascimento, 2018).

O setor da saúde foi um dos setores afetados em STP, agravando-se na década de 90. A mortalidade aumentou, na presença de um contexto onde existe um acesso pouco rigoroso a água potável, a pouca higiene, e o défice de profissionais de saúde e equipamentos médicos, contribuiu para o panorama. O arquipélago passa de um dos países mais desenvolvidos neste domínio em África, para um país débil no que toca à saúde (Nascimento, 2018).

É importante também falar da escolarização, onde houve também um retrocesso. Embora o reconhecido esforço do governo para acabar com analfabetização, e promover um plano da massificação do ensino, os professores tinham baixas qualificações e o foco estava na passagem doutrinal da ideologia marxista – muito promovido pela presença do estado cubano. Na escolarização também está associado um outro problema, o da ideia de ser um elevador social para um trabalho idílico, que tem o seu expoente na função pública e política. O trabalho que exigia pouca qualificação passou a ser mal visto, e a agricultura, nomeadamente as produções roceiras foram sofrendo pela falta de mão-de-obra (Nascimento, 2018).

No decorrer das últimas décadas STP vê no turismo um potencial de crescimento económico que foi tendo uma maior aceitação com o passar dos anos, isto deve-se ao seu isolamento inicial, que criou um sentimento de desconfiança perante o estrangeiro. Olhando para o contexto como um todo, é perceptível que ainda existe um longo caminho a percorrer pelas ilhas, e todos têm de ser agentes da mudança, do presidente da república ao pequeno agricultor (Nascimento, 2018).

2.4 A Economia e a Sociedade São-Tomense na Atualidade: Problemas e Desafios

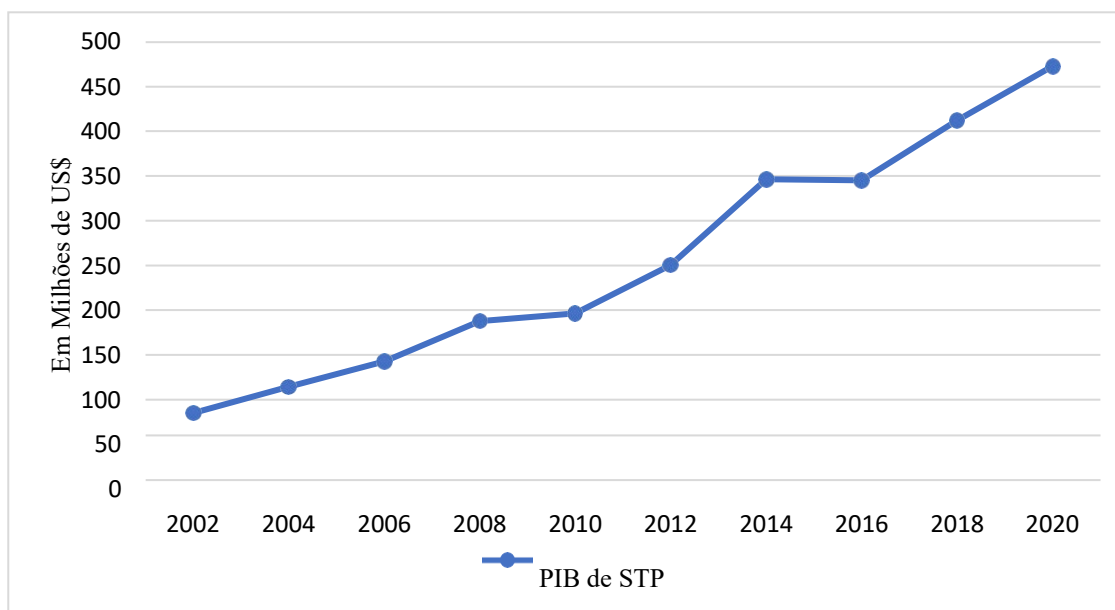
O governo de STP é na atualidade – no mês de Abril, ano de 2022 – liderado pelo MLSTP-PSD, no seguimento de um acordo pós-eleitoral com a coligação PCD-MDFM-UDD, conseguindo assim maioria parlamentar. A Assembleia Nacional é composta por 55 lugares: 25 detidos pelo ADI; 23 pelo MLSTP-PSD; 5 pela coligação

PCD-MDFM-UDD; e 2 pelo MCISTP. É consensual que a pobreza não sofreu significativas mudanças entre 2000 e 2010. O Banco Mundial estima que um terço da população vive com menos de US\$1,90 por dia, ficando este valor abaixo da linha internacional da pobreza, registando ainda pobreza em dois terços de toda a população. As regiões urbanas e bairristas do sul, dando o exemplo de Caué e Lembá, têm os níveis mais elevados de pobreza (World Bank, 2022).

As ilhas apresentam um desempenho superior à média africana, segundo o PNUD, no que diz respeito ao índice de Desenvolvimento Humano. Podemos destacar alguns indicadores como: uma taxa bruta de matrículas no ensino primário de 110%; uma esperança média de vida de 66 anos; uma taxa de mortalidade infantil (menos de cinco anos) de 51 por cada 1.000 nados vivos; um acesso a uma água melhorada para 97% da população e de 60% no que diz respeito à eletricidade (World Bank, 2022).

O contexto económico de STP, encontra desafios que se assemelham a outros estados insulares e de pequenas dimensões, sendo difícil manter um equilíbrio fiscal e externo. A velha história da falta de mão de obra mantém-se na atualidade, o que dificulta a produção de bens e serviços. De qualquer das formas, é importante ter em conta a subida populacional que tem vindo a aumentar exponencialmente nas últimas décadas. Este aumento não se reflete em subidas de postos de trabalho pois entre muitos fatores, esta população não tem qualificações elevadas na sua generalidade. O crescimento económico de STP deve-se, principalmente, a empréstimos do governo e ajuda externa, como também o crescente turismo – excluindo os anos de 2020 e 2021 devido à pandemia do Covid-19 – o IDE e alguma agricultura também deram o seu contributo à economia (World Bank, 2022).

Gráfico 1. PIB de STP (US\$) entre os anos de 2002 e 2020



Fonte: Elaboração própria com base no *World Bank Data*

O PIB de STP, como podemos observar através do Gráfico 1, tem crescido desde a viragem do século, registando uma taxa média superior a 4% entre 2010 e 2019. Não obstante o destacável crescimento, é importante assinalar a desaceleração para menos de 3% em 2018-19, podemos salientar alguns fatores causais como: a redução do financiamento interno; os acentuados cortes na energia; os choques climáticos e as pragas que impactaram negativamente e de forma direta a agricultura e as pescas (World Bank, 2022).

Em 2021 e na primeira metade de 2022, foi observável um abrandamento da economia e um agravamento da inflação, derivado de um conjunto de problemas estruturais e adversidades de curto prazo. O preço dos bens importados aumentou – destacando o petróleo e bens alimentares – o que gerou um progressivo desequilíbrio nas contas externas, impactando negativamente o número das reservas externas. É difícil uma intervenção financeira eficaz pelas autoridades, devido aos poucos recursos disponíveis. O atual programa com o FMI no âmbito da ECF³ termina no início de

³ A *Extended Credit Facility* (ECF) fornece assistência financeira a países com problemas prolongados na balança de pagamentos. (Internacional Monetary Fund, 2022)

2023, podendo posteriormente ser negociado um novo programa. Com o aumento do turismo, um setor bancário mais estabilizado, e um aumento da exportação de produtos – destacando o cacau e óleo de palma – são pontos positivos, num enquadramento geral desafiante. A conjugação de uma inflação elevada, do difícil acesso a recursos financeiros externos, e a redução das reservas externas, constitui um risco para a economia são-tomense (Banco de Portugal, 2022).

2.5 O Mercado de uma *Commodity*: O Caso do Cacau

2.5.1 Introdução Histórica do Cacau

O cacau e a sua transformação em chocolate é um bem que é procurado e consumido por milhões de pessoas na atualidade, porém são poucos os que conhecem a sua história. É indicado que os primeiros cultivos de cacau tiveram origem nas muito antigas sociedades sul americanas, dando como referência destacável os Astecas e os Maias. A palavra moderna "chocolate" deriva de duas palavras em *Nahuatl*, a língua falada por muitos grupos nativos da região da América do Sul e Central: *chocolatl*, que traduzido literalmente significa "água quente", e *cacahuatl*, que se referia a uma bebida amarga feita com cacau que era partilhada durante as cerimónias religiosas. O cacau era tão significativo para as culturas locais que era utilizado como moeda no comércio, dado aos guerreiros como recompensa pós-batalha, e servido em festas reais (History of Cocoa, 2018).

Os descobridores espanhóis quando chegaram pela primeira vez às Américas não valorizaram de imediato o cacau, chegando mesmo a destruir as culturas agrícolas. Com o passar do tempo, foram percebendo que o cacau poderia se tornar um bem precioso, e com isto procederam às primeiras alterações do consumo tradicional do cacau, adicionando açúcar e especiarias que cortava o seu sabor amargo. Com esta alteração revolucionária, a procura de chocolate disparou para patamares nunca antes registados. O método de produção do chocolate foi mantido em segredo pelos espanhóis perante as restantes potências europeias por um período que quase atingiu 100 anos. Inevitavelmente outros países interessados acabaram por desvendar a receita como o

Reino Unido e França, que formaram as suas *chocolate houses* onde serviam as elites. Nesta fase, o café era apenas servido como uma bebida, e tinha uma reputação muito positiva, sendo indicado como um produto que fazia bem à saúde, para além do seu sabor distinto e inovador. A exclusividade do chocolate baixou com o começo da Revolução Industrial, quando as máquinas movidas a vapor, tornaram a produção de cacau em pó significativamente mais rápida e mais acessível (History of Cocoa, 2018).

O chocolate sólido chegou ao mercado e atingiu grande sucesso em 1850, devido à descoberta de Joseph Fry de que a adição de manteiga de cacau ao pó de cacau formava uma massa sólida. Sessenta anos mais tarde, foi revelado o segredo de criar diferentes confeções de chocolate com recheio e sabor, referidas como *pralines* pelo seu inventor belga, Jean Neuhaus II. A partir daí, a indústria do chocolate e do cacau explodiu em popularidade e espalhou-se rapidamente por todo o globo. Hoje em dia, mais de 4,5 milhões de toneladas de grãos de cacau são consumidos anualmente em todo o mundo, desde bebidas, a chocolates (History of Cocoa, 2018).

2.5.2 Tipos de Culturas e suas Classificações

Todo o cacau cultivado é classificado numa única espécie denominada *T. Cacao*, e por sua vez subdividido em três grupos bem definidos de cacau: *Forastero*, *Criollo*, e *Trinitario*, que é um híbrido de *Forastero* e *Criollo* (UNESCO-EOLSS, 2010).

Desde a década de 1980 foram iniciados programas de melhoramento genético do cacau para criar e selecionar cruzamentos biparentais (variedades híbridas) com rendimentos variáveis. O grupo que forma a maior parte de todo o cacau cultivado é o *Forastero*. Trata-se de uma árvore robusta, produzindo feijões de sabor forte. O *Amelonado*, com uma aparência amarela lisa e com feijões mais pálidos a roxos profundos, é a variedade de *Forastero* mais amplamente cultivada na África Ocidental e no Brasil. Hoje em dia, o *Forastero* refere-se principalmente ao cacau que tem a sua ascendência a partir da bacia do Amazonas superior. Através do comércio, este cacau tem sido espalhado por grande parte do mundo onde se cultivava este produto, incluindo África. Atualmente, os maiores produtores destes grãos de cacau são a Costa do Marfim e o Gana, onde o *Forastero* se estabeleceu muito cedo no comércio do cacau. Devido a

isto e à resistência a doenças desta variedade, os países produtores de topo cultivam principalmente este grupo de cacau, tratando-se do chocolate mais produzido em todo o mundo. Ao contrário do *Criollo*, as variedades *Forastero* são muito mais resistentes a doenças e, portanto, são preferidas pelos agricultores, uma vez que garantem uma cultura mais vendável, apesar de não lhes darem um preço elevado (UNESCO-EOLSS, 2010).

As árvores *Criollo* não são tão resistentes e, regra geral, os feijões de cacau *Criollo* são considerados como tendo um sabor mais fino do que os de outras variedades de cacau. Por último o *Trinitario* é um híbrido cultivado dos outros dois tipos já referidos (UNESCO-EOLSS, 2010).

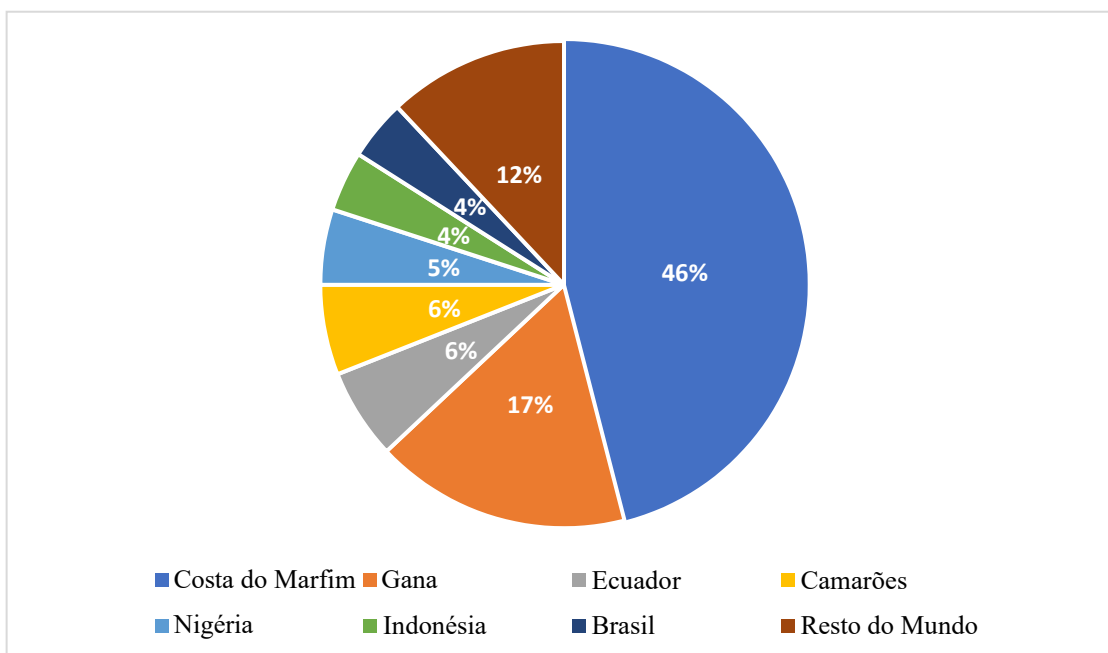
As árvores de *Trinitario* são cultivadas principalmente na Colômbia e América Central, mas também nos Camarões e na Papua Nova Guiné. Como o nome indica, *Trinitario* é originário da nação insular de Trinidad. Atualmente, o *Trinitario* juntamente com o *Criollo* fornecem a base do "sabor do feijão", utilizado para realçar o sabor do chocolate de hoje. O *Trinitario*, tal como o *Forastero*, espalhou-se por todo o mundo como uma importante cultura de cacau (UNESCO-EOLSS, 2010).

2.5.3 Produção de Cacau no Mundo

A produção de cacau está centrada na África Ocidental, representando na atualidade valores que rondam os 2/3 da produção mundial. Os países da África Ocidental são ideais em termos climáticos para o cultivo do cacau como cultura comercial, as condições ótimas para o crescimento do cacau são 20-30°C, 1.500-2.500 mm de precipitação anual e 2.000 horas de sol por ano. Os pequenos proprietários da África Ocidental têm dominado a produção mundial desde a década de 1930. Na década de 1980, o aparecimento da Malásia e da Indonésia deu uma distribuição geográfica mais equilibrada da produção. No entanto, um período de preços baixos dizimou a Malásia como grande produtor e o Brasil como grande exportador, aumentando a quota da África Ocidental na produção (O. Afoakwa, 2014).

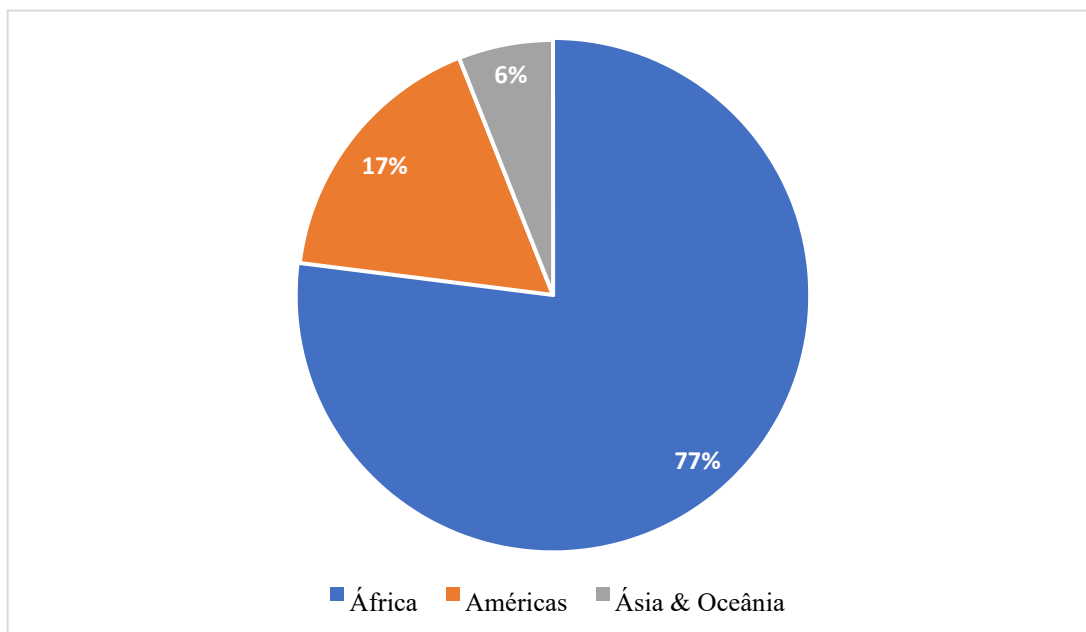
Em 2005-2006, 71% do cacau mundial provinha de África: Costa do Marfim, 37,8% e Gana,19,9% (ICCO 2008). Em 2006/2007, a produção mundial de grãos de cacau caiu quase 9% da época anterior para 3,4 milhões de toneladas, principalmente como consequência de condições meteorológicas desfavoráveis em muitas zonas produtoras de cacau. A África Ocidental, a principal região produtora de cacau, foi atingida por um grave harmatão (vento seco e poeirento com origem no Saara) e o seu tempo seco inerente, que durou desde o final de 2006 até fevereiro de 2007, teve um forte impacto negativo na produção. Na Ásia e na América do Sul, as condições meteorológicas relacionadas com o *El Niño* agravaram-se em setembro de 2006 e continuaram até ao início de 2007 (O. Afoakwa, 2014).

Gráfico 2. Produção mundial de cacau por país (%)



Fonte: Elaboração própria com base no ICCO (2019)

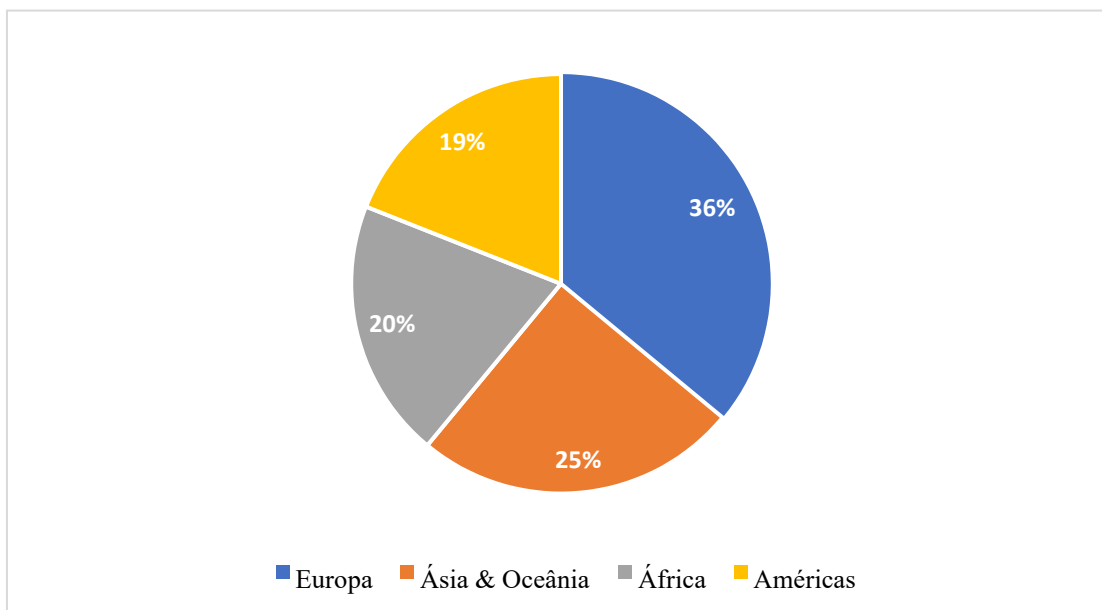
Gráfico 3. Produção mundial de Cacau por continente (%)



Fonte: Elaboração própria com base no ICCO (2019)

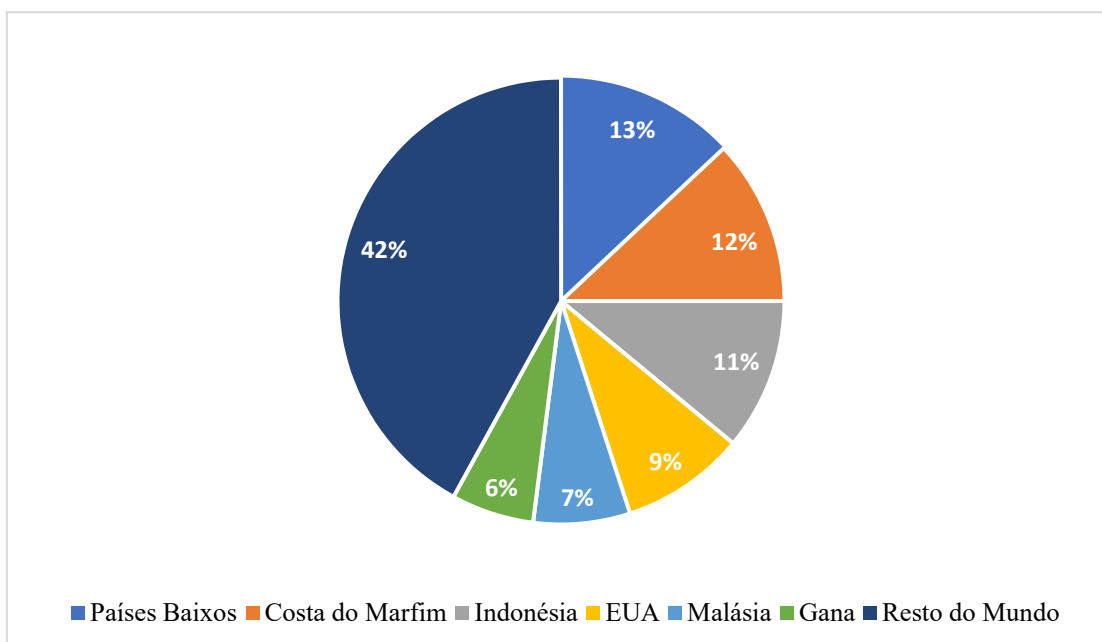
Olhando para dados mais recentes (2019), fornecidos pelo ICCO é nos possível observar que comparativamente aos valores falados anteriormente, compreendidos entre os anos de 2005 e 2007, existem diferenças. A Costa do Marfim ganha destaque e passa a ter uma maior percentagem do cacau produzido mundialmente, aumentando aproximadamente 10% para 46% da produção mundial (figura 3); África reforça a sua hegemonia como o continente mais produtor, aumentando 6%, chegando a um valor de 77% da produção mundial (figura 4). No decorrer da época de colheita de 2018/2019 foram produzidas 4,8 milhões toneladas de cacau mundialmente (Cocoa facts and figures, 2020).

Gráfico 4. Processamento das sementes de cacau por Continente (%)



Fonte: Elaboração própria com base no ICCO (2019)

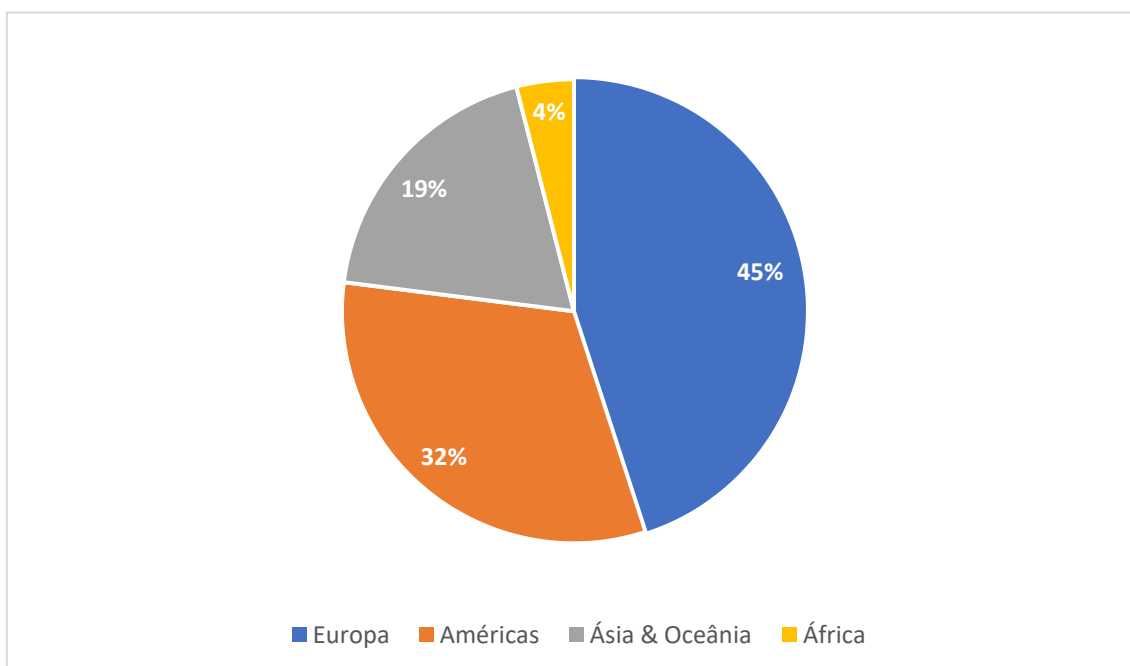
Gráfico 5. Processamento das sementes de cacau por País (%)



Fonte: Elaboração própria com base no ICCO (2019)

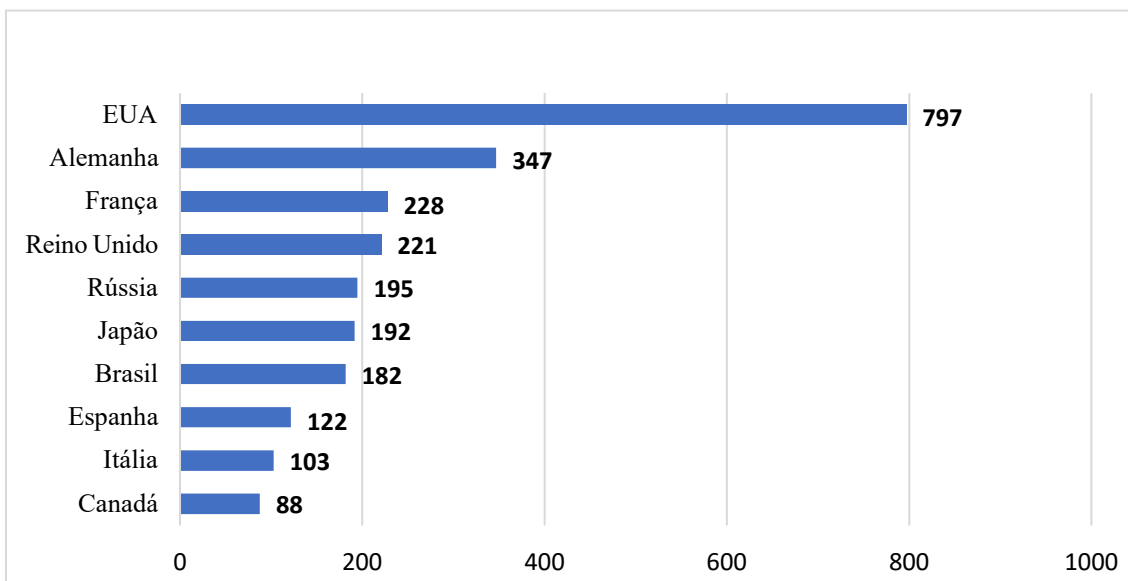
Não obstante de África ser o líder no que toca à produção de cacau, é no continente europeu que ele é processado em maior percentagem, um valor de 36%, superior comparativamente aos 20% de África (gráfico 4). As Américas e a Ásia & Oceânia também têm valores relevantes no que toca ao processamento do cacau, apresentando percentagens de 19% e 25%, respetivamente. Olhando agora para o Gráfico 5, onde está discriminado o processamento de cacau por país, vemos que os Países de Baixos são quem ocupa a maior fatia do gráfico, são 600.000 toneladas que se traduz num valor de 13%. Próximo dos valores dos Países Baixos temos a Costa do Marfim (12%) e a Indonésia (11%). Com países a apresentar números inferiores a 5% do processamento mundial temos 42% (Resto do Mundo), isto revela que existe uma grande dispersão no que toca ao processamento mundial de cacau. As sementes de cacau são processadas em massa de cacau, manteiga de cacau, cacau em pó, chocolate ou outros produtos de cacau (Cocoa facts and figures, 2020).

Gráfico 6. Consumo Mundial de Cacau por Continente (%)



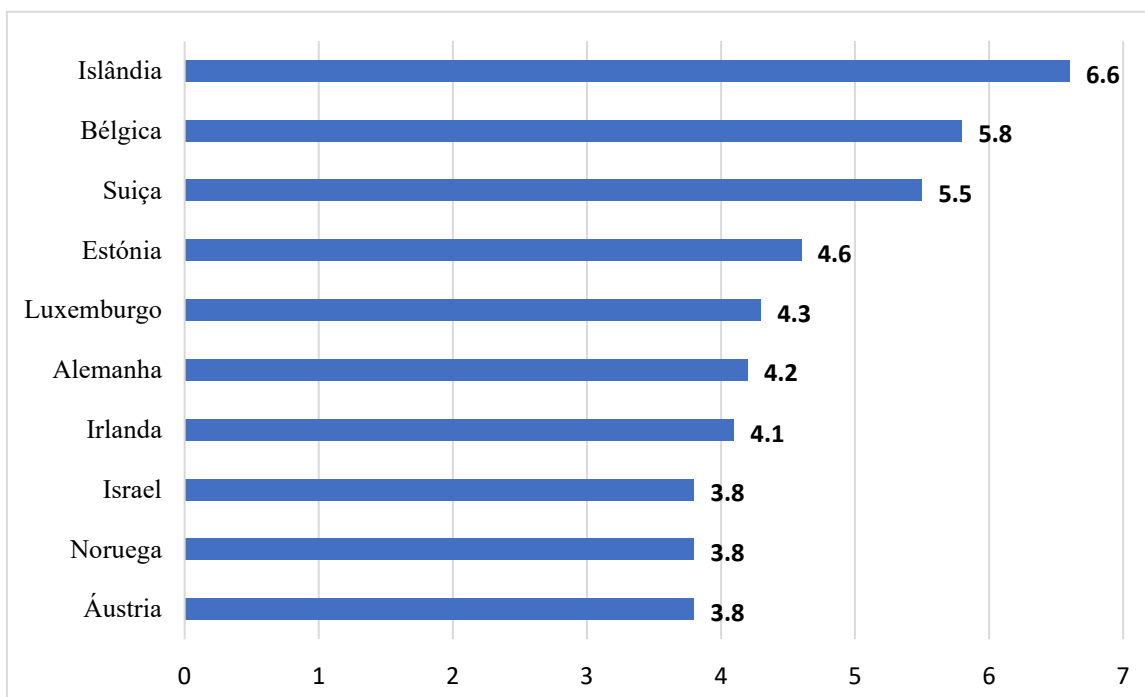
Fonte: Elaboração própria com base no ICCO (2019)

Gráfico 7. Top10 - Consumo Mundial de Cacau por 1000t



Fonte: Elaboração própria com base no ICCO (2019)

Gráfico 8. Top10 - Consumo mundial de Cacau kg/capita

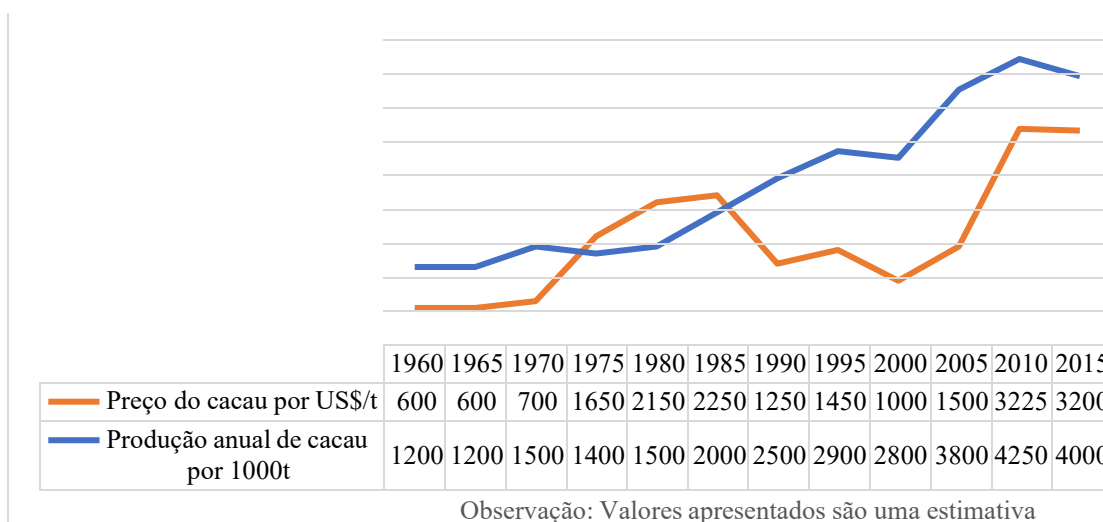


Fonte: Elaboração própria com base no ICCO (2019)

Observando as informações prestadas pelo gráfico 6, podemos constatar que a Europa é o grande consumidor de cacau, representado uma percentagem de 45%; de seguida temos as Américas com 32%, onde os EUA ocupam a principal responsabilidade por estes números elevados, sendo o número 1 do consumo global de cacau, juntamente com o Canadá (10º) são os únicos países das Américas a integrar o top10 (gráfico 7); a Ásia & Oceânia têm uma percentagem conjunta no que toca ao consumo de 19%, de destacar o Japão, 6ºclassificado nesta categoria, e o único deste conjunto; por fim temos África, um exemplo de antagonismo entre aquilo que é a produção e consumo de cacau, verificando uma muito baixa percentagem no que toca ao consumo, apenas 4%.

Como país único, os Estados Unidos consomem a maior parte dos produtos à base de cacau (797.000 toneladas), mais que a Alemanha e França em conjunto, duas nações que estão na 2ª e 3ª posição do top10, respetivamente (gráfico 7). Comparar o gráfico 7 & 8 dá-nos uma ideia que existe uma disparidade clara entre aquilo que é o consumo bruto em toneladas, e o consumo em kgs per capita. No que toca ao consumo per capita o líder é a Islândia (6,6), seguida da Bélgica (5,8), e em 3º lugar a Suíça (5,5). O único país que está presente em ambos os Top10 é a Alemanha, com um valor em 1000t de 347, e com kg/capita de 4,2 (Cocoa facts and figures, 2020).

Gráfico 9. Preço & Produção de Cacau 1960-2015



Fonte: Elaboração própria com base no ICCO (2019)

A produção de cacau tem vindo a aumentar continuamente ao longo dos últimos 40 anos. No que diz respeito ao preço registamos uma maior oscilação pois o mercado do cacau é propenso a tendências e flutuações entre booms e quedas de preço, desencadeados por instabilidades políticas, défices de produção relacionados com o clima e sobreprodução. Cabe aos agricultores e produtores de cacau gerir as oscilações, precavendo-se de épocas menos lucrativas, e fazendo uma gestão eficiente quando os preços aumentam consideravelmente (Cocoa facts and figures, 2020).

III. Uma Estrutura Agrícola renovada para São Tomé e Príncipe

3.1 Metodologia

A presente dissertação tem como principal finalidade a apresentação de um projeto que propõe a reabilitação das estruturas agrícolas – roças – abandonadas de STP. Tentando prever o impacto económico e social positivo que pode ter tanto nas comunidades locais, como no país.

Devido à impossibilidade de uma investigação de terreno em São Tomé e Príncipe, foi escolhida a opção de realizar entrevistas, com o objetivo de entender a realidade presente no dia-a-dia dos são-tomenses, os seus desafios, problemas e oportunidades. Os entrevistados foram em toda a sua amostra: maiores de 18 anos; com formação do ensino superior; com uma experiência de STP que variou entre os 6 meses e os 10 anos; alguns dos entrevistados foram voluntários, outros trabalham ou trabalharam nas ilhas. A entrevista toma uma matriz semiestruturada, o que não prescindindo de um guião, dá espaço de adaptabilidade à ordem das perguntas e ao levantamento de novas questões, não prescindindo do objetivo, mas não deixando de dispor flexibilidade perante cada entrevistado.

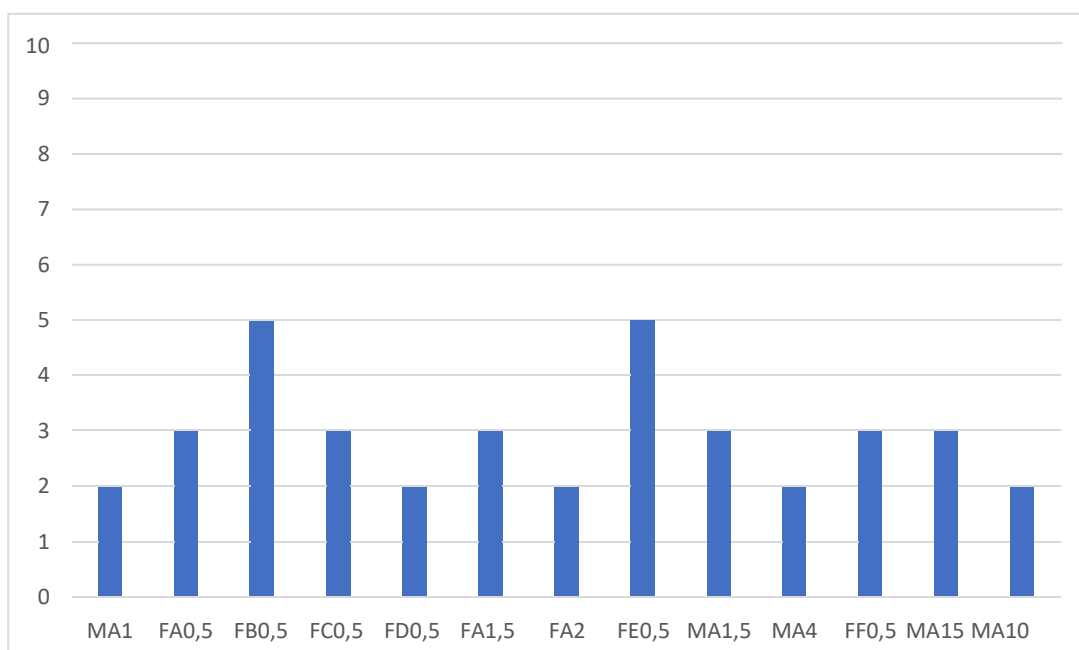
É importante salientar que STP ainda é um país por “redescobrir” pelo mundo, durante muito anos esteve fechado ao exterior, tendo vindo a ganhar uma maior proximidade global nas últimas duas décadas. Tendo isto em conta, o público-alvo que se enquadra com o pretendido peca por escasso, ainda são poucas as pessoas com as

características pedidas para cumprir com os requisitos da amostra. De qualquer das formas foi feito um esforço para que entre muitas indisponibilidades, os entrevistados fossem sugerindo outros nomes que fizessem sentido juntar à amostra.

3.2 Entrevistas e Resultados

Foram realizadas 14 entrevistas na sua totalidade, 13 das entrevistas foram feitas com o guião apresentado na Tabela 1, enquanto a outra entrevista foi feita a um dos diretores de terreno da roça Diogo Vaz com um guião próprio. Esta amostra não contendo o maior volume, permite-nos ter uma ideia de qual a perceção real de STP, principalmente pela homogeneidade das respostas. Na tabela 2, é nos possível perceber de que forma foi identificado cada um dos entrevistados, não prescindindo do seu anonimato, salvaguardando a proteção de dados e por sua vez a privacidade de cada pessoa (consultar Anexos para a Tabela 1 e 2).

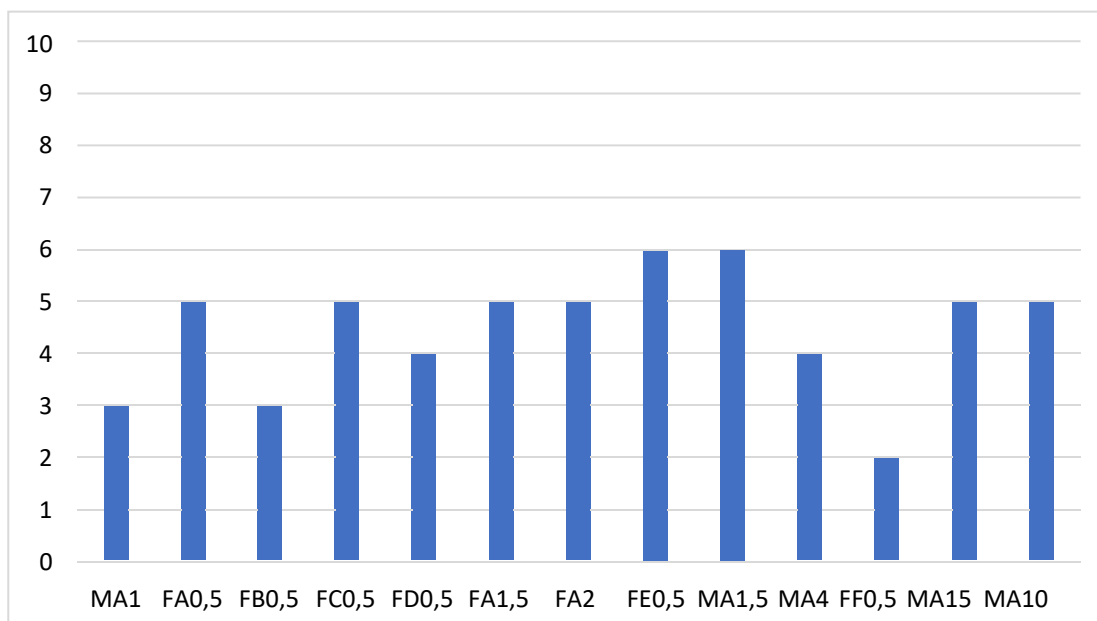
Gráfico 10. Avaliação Saúde - Entrevistados (1 a 10)



Fonte: Elaboração Própria

Nas respostas dadas pelos entrevistados no que diz respeito à saúde, podemos ver que os valores variam entre 2 e 5 (gráfico 10). O fator experiência não apresenta uma diferença substancial naquilo que são os resultados. Nas respostas dadas foi perceptível as grandes carências presentes na área da saúde. O facto de São Tomé contar apenas com um hospital central que é a única unidade de saúde que consegue dar resposta em toda a ilha a situações graves, revela ser um grande problema. Os acessos ao hospital, principalmente de comunidades longe da cidade, são muito maus. A juntar aos maus acessos, as instalações tanto dos centros de saúde como do hospital são envelhecidas e precárias, o mesmo podemos dizer sobre os equipamentos médicos. Por fim, no que toca aos profissionais de saúde muitos deles não apresentam as melhores qualificações, sendo comum más respostas clínicas a muitos dos pacientes. Casos de pacientes de maior gravidade na Ilha e que não conseguem receber uma resposta eficaz, podem ser transferidos para Portugal, pois existem acordos entre ambos os países nesta matéria. A saúde é sem sombra de dúvida um dos setores mais críticos, onde são necessárias grandes melhorias em STP.

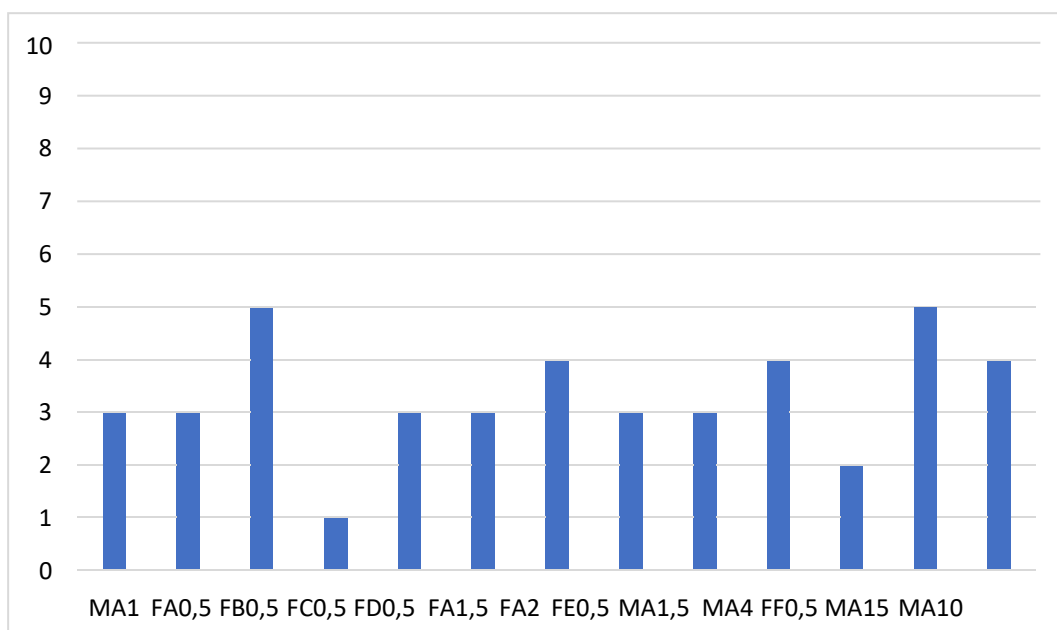
Gráfico 11. Avaliação Educação - Entrevistados (1 a 10)



Fonte: Elaboração Própria

O setor da Educação – como podemos observar através do gráfico 11 – tem uma amplitude de valores que varia entre 2 e 6. Este setor apesar de não apresentar resultados extraordinários, tem um parecer da amostra que afirma a existência de um esforço para melhorar. São destacados como principais fatores de uma mudança positiva: a presença de ONG's na ilha, onde muitas delas têm a responsabilidade no setor educativo, passando por dar explicações, aulas, e formação aos vários alunos do ensino básico ao secundário, podemos dar a título de exemplo a Associação Kêlê e os Leigos para o Desenvolvimento. O Estado também tem feito um esforço para que o ensino pré-escolar chegue a toda a população – tal como o ensino básico e secundário – algumas escolas inclusive sofreram reformas estruturais para melhorar as condições de ensino. Apesar de tudo, é importante registar situações menos boas, como o abandono escolar precoce em grande número, salas de aula com mais de 50 alunos, onde por vezes mais de três alunos partilham a mesma carteira, e como principal problema é referida a formação dos professores. Os professores são mal preparados, o que desencadeia um efeito bola de neve, gerações não qualificadas tentam qualificar gerações, o que cria um círculo vicioso de um ensino pobre e atrasado. A principal reforma que o governo são-tomense deve ter em foco neste setor, passa primordialmente por apostar numa melhor formação dos docentes.

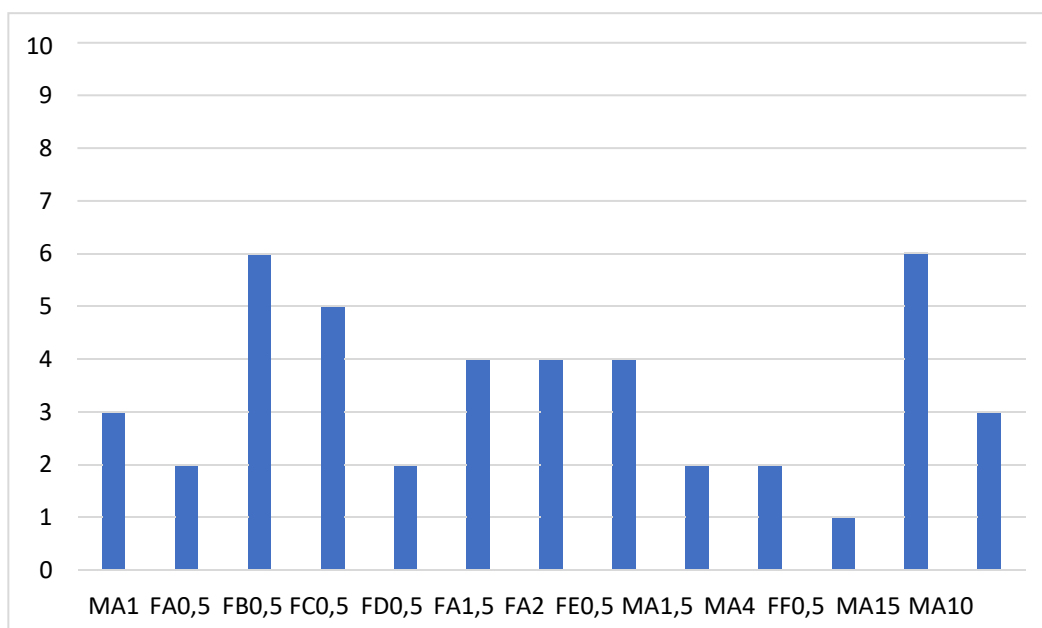
Gráfico 12. Avaliação Governo - Entrevistados (1 a 10)



Fonte: Elaboração Própria

O papel do Governo passa por dar resposta aos interesses sociais e económicos dos são-tomenses, e foi com este pensamento que foi pedido uma avaliação do desempenho do mesmo. O Governo na avaliação da amostra variou entre os valores de 1 a 5 (gráfico 12). Nas respostas, afirmaram em grande número que o governo é corrupto. Existe um clima de desconfiança de como as verbas concedidas por entidades como o Banco Mundial ou o BAD são geridas, pois não são visíveis efeitos práticos dessas verbas muitas das vezes. Para além disso, muitos dos entrevistados testemunharam ou ouviram que em campanha política os votos são ganhos através de aliciamentos diversos, tipicamente em dobras (moeda local). A instabilidade política também é motivo de desagrado, pois existe uma rotatividade governamental muito elevada, que gera uma permanente troca de postos de trabalho na função pública. A baixa instrução da grande parte da população, não permite um sentido crítico que ponha em causa o papel do governo e dos seus políticos, sendo um governo marcado por um regime pouco rígido ou exigente, acabando por ter um impacto negativo em toda a sociedade. São sugeridas como soluções: o mudar de abordagem por parte das entidades financiadoras do estado são-tomense, isto passa por auditar e fiscalizar as verbas aplicadas; uma ajuda próxima com consultoria externa, por exemplo; e uma maior cooperação e comunicação entre financiador, estado e cidadão.

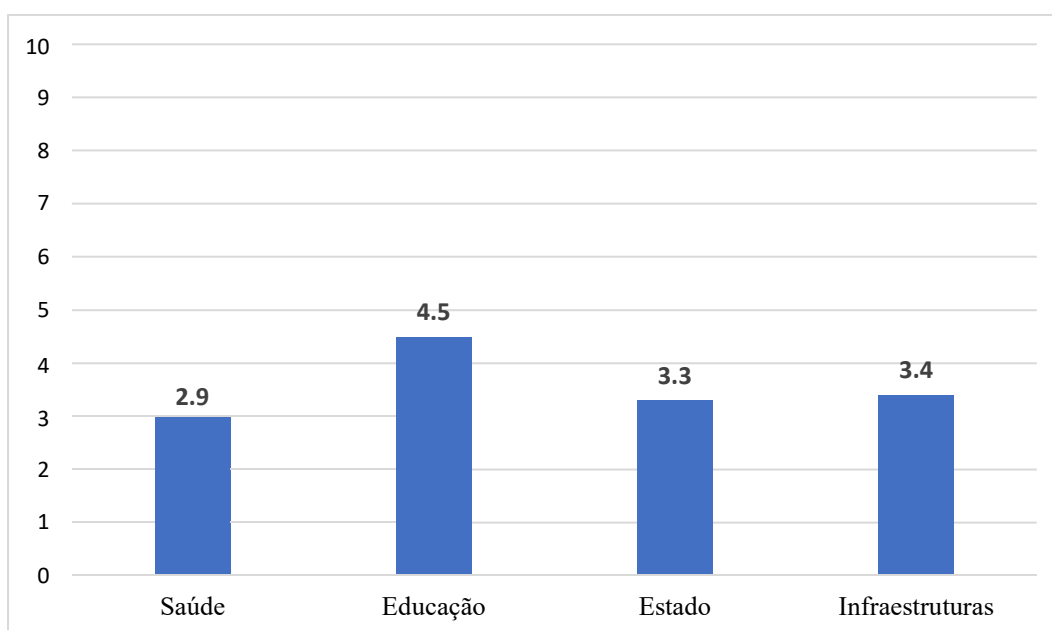
Gráfico 13. Avaliação Infraestruturas - Entrevistados (1 a 10)



Fonte: Elaboração Própria

A avaliação das infraestruturas teve uma amostra que intercalou valores que vão do 1 ao 6, sendo a avaliação com valores mais dispersos (gráfico13). A infraestrutura mais usada como referência, foram as estradas. As estradas são classificadas consoante a sua área geográfica, pois em certas zonas a estrada está de um modo geral aceitável ou mesmo boa, enquanto em outras latitudes a estrada está em muito mau estado. Na última década tem havido alguma intervenção no que toca às estradas, certos troços foram bem reabilitados e estão a ter bom uso, porém ainda existe muita estrada que não recebeu o mesmo tipo de intervenção. As infraestruturas em STP parecem que na sua generalidade pararam no tempo, o que se vê na paisagem é uma urbanização predominantemente construída antes da independência, apresentando em bastantes casos um elevado nível de degradação. Esta degradação é visível na rede energética, nos portos marítimos, sistemas de telecomunicação, estradas, pontes, entre outros por mencionar. O facto de não serem as infraestruturas o setor que está mais destacado negativamente, prende-se com a compreensão dos entrevistados com o baixo poder financeiro de STP. O capital disponível é pouco, e tendo em conta uma gestão muitas vezes ineficiente, a verdade é que é difícil dar resposta com os meios à disposição, às necessidades presentes.

Gráfico 14. Média da avaliação dos Entrevistados



Fonte: Elaboração Própria

No gráfico 14 estão ilustradas as médias dos vários setores falados nos gráficos anteriores. Podemos constatar que o setor da educação é o mais bem classificado entre todos os outros, apresentando uma média de 4,5, de seguida temos as infraestruturas com 3,4, o estado em terceiro lugar com 3,3, e por fim a saúde com um valor de 2,9. Olhando para a escala utilizada, nenhum setor em média conseguiu atingir um valor positivo, o que revela o nível de carências que STP ainda tem. É transversal que são necessárias reformas em todas estas áreas. Uma maior e melhor formação de profissionais, um investimento ponderado e bem executado nas infraestruturas, um governo bem organizado, estes são alguns dos pontos urgentes a melhorar.

3.3 Caso de Estudo: A Roça Diogo Vaz

A informação conseguida para este caso de estudo, tem por base uma entrevista feita à Diretora Científica da roça Diogo Vaz que explica – estando limitado a algumas questões de sigilo profissional – como opera a roça e a logística que tem na sua estrutura. É relevante esta entrevista pois pode ser o modelo de *benchmarking*⁴ para novos projetos com características similares; para além de podermos observar os impactos positivos, económicos e sociais que oito anos de operação trouxeram para o país. A Tabela 3 apresenta o guião com um seguimento semiestruturado utilizado para entrevistar a diretora (consultar Anexos).

A roça Diogo Vaz teve início no ano de 1880, pelo já mencionado Marquês de Valle-Flôr, fazendo parte da grande Sociedade agrícola Valle-Flôr apresentando uma dimensão que se estende por mais de 420 hectares. Com a independência de STP, a produção parou drasticamente, e as infraestruturas entraram num ciclo de degradação acelerado. A roça voltou a tomar um novo rumo em 2014, quando um investidor francês – William Martin – tomou a iniciativa de conseguir uma concessão para os terrenos desta roça, e desde então, tem retomado aos poucos os seus níveis típicos de produção.

⁴ O *Benchmarking* nesta situação pode se definir no processo de identificação das boas práticas de uma organização modelo, que tipicamente apresenta resultados muito positivos na sua área de atuação (Madeira, 1999).

A grande aposta é numa marca que tem como referência produtos biológicos de alta qualidade, tendo como máxima, uma procura constante de excelência através da inovação. A roça Diogo Vaz pode ser uma das vias que traça um novo futuro para as ilhas de STP, pelo seu cuidado pelo passado e inovação para o futuro, nunca deixando de parte a sua comunidade no presente (Pape & Rebelo de Andrade, 2015) & (A Roça - Diogo Vaz Chocolate, 2021).

Na entrevista o Diretor Científico esclareceu que trabalhava na roça Diogo Vaz há três anos, tendo iniciado o seu percurso nesta organização, com um trabalho mais orientada para a logística. Atualmente está responsável pela gestão, tratamento, e pelo processo de produção das várias culturas agrícolas, das quais foram destacadas a baunilha, o cacau e a pimenta. O objetivo da roça é conseguir aumentar a exportação em quantidade, mas principalmente em qualidade pela sua produção biológica sem a necessidade de utilizar químicos. A roça Diogo Vaz passou por dois momentos de sucesso dignos de registar. O primeiro em 2016 quando o Chef chocolateiro francês Olivier Casenave, ganhou no *Salon du Chocolat* em Paris, o prémio de Melhor Tablet do Mundo, com cacau Diogo Vaz. O segundo momento registou-se no ano de 2018, quando o chocolate aqui produzido, integrou no destacado *Culinary College of France*, abrindo portas para os produtos Diogo Vaz serem referenciados pelos profissionais e estabelecimentos mais prestigiados do setor. Esta empresa não se limita a produzir o seu cacau, mas também o transforma em chocolate, num processo de A a Z que passa por 6 etapas: a produção e colheita, a fermentação, a secagem, a torrefação, a moagem e mistura, e por último a moldagem e embalamento. O *know-how* já existente pelos trabalhadores mais velhos que passa para os mais novos, e a constante inovação, são dois fatores chave para o sucesso produtivo. A aposta num turismo agrícola, é algo que também tem vindo a ser explorado, os visitantes têm oportunidade de ver e provar os produtos biológicos produzidos na roça, uma boa maneira de tirar proveito do crescente turismo dos últimos anos (A Roça - Diogo Vaz Chocolate, 2021).

A roça Diogo Vaz para além da sua missão produtiva, também tem objetivos que passam pela melhoria das condições de vida da comunidade local. Todos os trabalhadores têm um contrato de trabalho que está em conformidade com os direitos e deveres de

cada um. No site da empresa têm bem estruturados a missão e objetivos para com a comunidade da roça:

“1 • Desenvolvemos a educação das crianças: construção ou renovação de escolas (300 alunos), criação de creches, financiamento da escolaridade, estágios, transporte escolar, etc; 2 • Oferecemos formação profissional e aulas de condução (escola de condução); 3 • Cuidamos do acompanhamento médico dos colaboradores: médico disponível para os colaboradores em caso de doença ou acidente de trabalho e criação de um serviço de ambulância; 4 • Aderimos estritamente a uma abordagem ambiental: autossuficiência alimentar, recolha e reciclagem de resíduos, doação de sementes aos residentes, hortas partilhadas, etc; 5 • Renovamos edifícios históricos e reconstruímos edifícios dentro da aldeia para melhorar as condições de vida: água potável, saneamento, etc, 6 • Criamos ajudas sociais e económicas para os aldeões: abonos de família, reforma, programa de integração das mulheres, microcrédito” (Social - Diogo Vaz Chocolate, 2021).

A presença dos inúmeros obstáculos ao desenvolvimento do negócio, são trabalhados e resolvidos diariamente. O facto de se tratar de uma ilha gera o efeito de isolamento, o que dificulta o acesso a bens que a própria ilha não consegue oferecer, sendo invariavelmente dependentes das importações. Os trabalhadores são comprometidos, mas muitos têm o pensamento “leve-leve”⁵ da ilha, o que por vezes complica a exigência e o rigor necessário para uma execução satisfatória dos objetivos pretendidos. O trabalho na roça começa cedo, pelas 06:30 e prolonga-se até às 13:30, se os objetivos de trabalho forem cumpridos, os trabalhadores podem sair mais cedo. Foi criada uma marca registada do cacau de STP, que não só dá garantias de qualidade, como também de condições de trabalho justas. A produção de cacau no Gana e Costa do Marfim – os maiores exportadores mundiais desta *commodity* – não cumprem na generalidade dos casos, com o *Fairtrade*⁶. Os pequenos agricultores destas nações africanas, trabalham em função de um pagamento muito baixo de um intermediário, que por sua vez vende este cacau às grandes companhias, atingindo grandes margens de lucro. A adicionar ao referido, o trabalho infantil também é visível em larga escala nos países produtores, como também um mau cuidado da terra que tem levado a uma desflorestação intensiva (Stoop, Ramanan, Geens, Lambrecht, & Dekeister, 2021).

⁵ “Leve-Leve” é um lema são-tomense que tem por definição fazer as coisas com calma, contrariando um sentido de urgência para executar uma tarefa (Caixa Geral de Depósitos, 2014).

⁶ O *Fairtrade* é um movimento que apoia um comércio justo e ético (Darko, Lynch, & Smith, 2017).

A roça Diogo Vaz, podemos concluir, que nos seus oito anos de atividade tem sido uma empresa de sucesso, conseguindo gerir as metas expectáveis a todos os níveis. O aumento da visibilidade da marca e da produção tem sido muito positivo, todos os anos o cacau melhora em qualidade. Olhando para o alcançado, esta organização agrícola quer prosseguir esta tendência, onde tem como principal foco o aumento em quantidade e qualidade das suas produções agrícolas, conseguindo recrutar mais pessoas, alinhavado com uma ajuda estruturada para a comunidade que compõe a roça.

3.4 Uma “nova Roça”

3.4.1 Uma Estrutura Repensada

A proposta de projeto apresentada pelo autor desta dissertação e as suas conclusões, passam pela conjugação de duas vertentes, uma teórica e outra prática. A teórica sustenta-se na bibliografia lida e estudada, que consta no capítulo da revisão da literatura; a parte prática assenta nos diálogos e conversas do autor com os voluntários e trabalhadores que viveram ou vivem em STP.

São inúmeras as estruturas agrícolas abandonadas e em elevado estado de degradação em STP. É de relevo patrimonial, social e económico o repensar deste legado abandonado. Importante filtrar o bom e o mau das antigas roças, e perceber o que deve permanecer, o que deve sair, e o que deve ser acrescentado.

A começar pela mão de obra, é lógico que na atualidade os padrões de trabalho exigidos têm de contemplar e respeitar integralmente os direitos e deveres dos trabalhadores. É de relevo, e um tema caro e sensível a muitos são-tomenses, a marca deixada de um trabalho com condições severas e precárias. Um repensar de um trabalho justo e digno, não pretende apagar a marca do passado, mas sim dar uma nova imagem para o presente e futuro do trabalho junto destas comunidades.

Uma estrutura repensada poderá assumir diversas finalidades, como uma unidade turística, um museu, ou a sua funcionalidade original como produtora agrícola, que a meu ver deve ser considerada como hipótese de destaque, e explico o porquê. O

setor que de momento tem assumido um maior crescimento económico, não considerando os anos afetos à pandemia do Covid-19, é o turismo. Não é de exclusão o repensar de uma antiga roça para fins turísticos, uma vez que este modelo já foi aplicado e está em uso no presente. O principal problema está na reduzida dimensão da ilha, não sendo lógico ou mesmo sustentável a massificação de unidades hoteleiras ou com fins similares, uma vez que a procura não justifica tal crescimento. A produção agrícola também não é uma novidade pois mesmo na atualidade temos casos de roças produtoras. É ainda interessante considerar um modelo que consegue conjugar tanto uma estrutura produtiva como um turismo agrícola, dando o exemplo já falado da roça Diogo Vaz.

3.4.2 Uma Oportunidade de Investimento Sustentável: ESG Investing

Para além das vantagens já referidas como as sociais, patrimoniais e económicas. A forma como se investe neste projeto pode ser um atrativo para muitos investidores que pretendem fazer um investimento consciente e que esteja enquadrado com valores e princípios fundamentais. Podemos utilizar como modelo o *ESG Investing*. O seu crescimento tem sido impulsionado pelo desejo dos investidores de ter um impacto ambiental e social, juntamente com o desempenho económico do investimento. Este crescimento é uma resposta a uma tendência de diversos países em todo o mundo, a mobilizarem esforços para contribuir para um mundo melhor. O instrumento que nasceu desta vontade está assente em três pilares: o ambiental, o social, e a governação (ESG), a partir da qual a *ESG Investing* é desenvolvida (Boffo & Patalano, 2020).

O investimento ESG existe dentro de um ramo mais vasto de investimento, baseado em retornos financeiros e sociais. Por um lado, o investimento financeiro puro é pressionado para maximizar o valor do acionista e do devedor, através de retornos financeiros baseados em medidas absolutas ou ajustadas ao risco de valor financeiro. Por outro, puro investimento social, como a filantropia, procura apenas retornos sociais, de tal forma que o investidor ganha com a confirmação de provas de benefícios para a sociedade, em particular relacionados com benefícios ambientais ou sociais, incluindo no que diz respeito aos direitos humanos e dos trabalhadores, igualdade de género, entre

outros. O ESG procura uma mistura de retorno social e retorno financeiro, mas a priorização do investimento social ou dos rendimentos financeiros, dependem da medida em que os investidores estão dispostos a comprometer um pelo outro, em alinhamento com os seus objetivos gerais. (Boffo & Patalano, 2020).

3.4.3 Entraves e Desafios a Resolver

São Tomé e Príncipe é um país que transborda potencial, mas infelizmente, continua a ter muitas barreiras, não lhe permitindo um progresso mais acelerado e eficiente. Recuemos aos dados apresentados, do Gráfico 10 ao 14, são notórias as deficiências nas infraestruturas, nos equipamentos, na formação dos profissionais, na organização, etc. Para além disso, os privados e investidores não têm o trabalho facilitado pelos impostos que pagam, como também pela lei fundiária que impede a obtenção de propriedade privada. Todo o terreno em STP é propriedade do estado e este pode sim, fazer uma concessão acordada por um período de tempo. O problema com as concessões é que para muitos investidores não oferece garantias, e gera desconfiança em relação ao cumprimento da concessão ou a possibilidade de uma futura renovação. Muitos investidores e empresas não avançaram com projetos por esta razão. A instabilidade política também tem sido um entrave ao crescimento económico e social, estando num constante “ping-pong” entre partidos; situações de corrupção também são recorrentes, tendo um impacto direto em verbas que seriam alocadas para serviços, e infraestruturas que iriam beneficiar a sociedade (Pinho, 2008).

O Governo de STP deverá promover a entrada de IDE de forma responsável. É importante a entrada de capital estrangeiro no país, mas também é igualmente relevante o tipo de investimento que se faz. O Investimento deve contemplar pontos como: as comunidades locais, a sustentabilidade, a preservação natural e histórica, e o impacto do projeto pretendido. Outro ponto que deve ser reforçado passa por um setor da saúde e educação que aposte num desenvolvimento mais qualificado dos seus quadros, acompanhado por melhorias nos equipamentos e infraestruturas.

As roças de São Tomé e Príncipe estão muitas delas localizadas em zonas longe da cidade. Por norma, quão mais distantes do centro urbano, mais precárias são as condições de vida dos aglomerados populacionais, que habitam nas roças e fazem dela o seu aldeamento. A potencialização económica destas comunidades, provocará invariavelmente uma redução da dependência da cidade, e o aumento da qualidade de vida. As melhorias podem ser visíveis em ações, como as já executadas na Roça Diogo Vaz. Com uma visão mais exportadora, tentando balançar a tão grande dependência externa, STP precisa de mais recursos financeiros para investir em outras áreas. Um investimento na educação e posteriormente na formação de profissionais, poderá permitir a criação de novas empresas que apostam em setores diferenciados e inovadores. O trabalho remoto já é uma realidade global, muitos dos serviços prestados por são-tomenses podem corresponder a estas necessidades, desde que tenham ao seu dispor os bens tecnológicos necessários, tal como uma formação adequada. É curioso que seja possível através da riqueza e desenvolvimento do setor primário neste país, que o setor terciário também possa se destacar mais claramente no futuro. STP é uma terra de oportunidade, basta ter o empenho e vontade necessária para que o sonho se realize.

IV. Conclusão

São Tomé e Príncipe é um país com um potencial enorme. A sua situação precária em tantos pontos, não reflete a riqueza em bruto que tem. É interessante, e diria até mesmo necessário, um novo rumo económico onde se testem estratégias diferentes das reproduzidas nos últimos anos. É de referenciar casos de sucesso como o da Roça Diogo Vaz, que dão esperança, e mostram que a reabilitação de uma roça, para fins agrícolas e turísticos, é viável e rentável a seu tempo. Para isto, é preciso um governo mais cooperante e disponível para dialogar com os potenciais investidores. Alguns entraves como a lei fundiária, a instabilidade política, a corrupção, ou as fracas infraestruturas, são barreiras que afastam muito o IDE.

É oportuno mencionar as limitações que foram visíveis ao longo da dissertação. Em primeiro lugar, a escassez bibliográfica sobre o tema, onde existe ainda pouca investigação científica que aborde STP e as suas roças numa vertente económica. Em adição, muitos dos estudos estatísticos de STP são de difícil acesso, tal como inúmeras informações relevantes. Foram efetuadas diversas tentativas de um financiamento para uma investigação no terreno, mas todas sem sucesso, o que impossibilitou uma ida presencial às ilhas. No futuro será pertinente uma investigação no terreno, em que se poderá localizar e mapear as roças, onde este projeto poderá ter viabilidade de execução.

O projeto que é sugerido nesta dissertação, tem em conta múltiplas variáveis, que vão desde a história das ilhas de STP, passando pela sua sociedade e economia. O interesse para avançar com este projeto, está no que foi sendo apontado ao longo deste trabalho. Um projeto que tem retorno através de uma boa gestão e práticas. Tratando-se de um projeto agrícola, a meta para atingir o *break even point* não é algo a curto prazo, deve-se considerar aproximadamente uma década⁷. STP goza de uma terra muitíssimo fértil que é altamente vantajosa para cultivos agrícolas, que se enquadrem neste tipo de clima. Uma aposta em produtos biológicos é de assinalar, pois não sendo STP ilhas de grande dimensão, a aposta não pode passar por algo massivo, mas sim exclusivo.

⁷ Informação conseguida através de um dos entrevistados que explora uma roça há mais de uma década.

Através das entrevistas foi possível chegar a conclusões bastante homogêneas. O grosso dos entrevistados vê com bons olhos a hipótese da renovação das roças, podendo estas, ser agentes da mudança, contribuindo para uma melhor educação, saúde e infraestruturas que necessitam de melhorias evidentes. São Tomé e Príncipe é uma nação insular muito dependente das importações, mas sem um mercado exportador relevante. Têm-se registado melhorias no setor exportador, destacando produtos como o óleo de palma, e o cacau, porém ainda tem um longo caminho por percorrer. O projeto teria como *core business* a produção de cacau, sendo de relevo a introdução de bens secundários como a pimenta e a baunilha, pela rentabilidade que gera. Assim, seria mais estável combater a volatilidade do cacau, como também, o alargamento da produção a mais que um produto, ampliando o mercado conseqüentemente.

A população roceira, gozaria de melhorias na sua qualidade de vida, que sirva de testemunho o impacto social do projeto da Roça Diogo Vaz (página 30). A introdução de uma reestruturação agrícola, capacitará aos locais novas oportunidades de emprego e um contributo direto nas mudanças económicas desejáveis. Este modelo produtivo que tem um modelo de A-Z, diferencia-se da grande maioria das produções mundiais de cacau, onde o *fairtrade* tipicamente não se cumpre, e onde para além de situações como trabalho infantil, os salários auferidos são muito baixos.

As estruturas agrícolas, são um bem patrimonial que se vai apagando e degradando um pouco todos os dias. As roças e a sua composição arquitetónica, são das maiores riquezas do país, um legado com história, moldador da paisagem e sociedade são-tomense, é uma missão nacional a luta pela preservação destas estruturas.

Esta dissertação, é apenas um ponto de partida. A identificação de um problema e da uma oportunidade, cabe ao sonhador fazer com que este projeto se realize.

Referências Bibliográficas

- A Roça - Diogo Vaz Chocolate.* (2021). Obtido em 18 de 05 de 2022, de Diogo Vaz:
<https://www.diogovaz.pt/a-ro%C3%A7a>
- Alves de Fraga, L. M. (2006). *São Tomé e Príncipe: Ilhas de Sofrimento e de Fortuna - Símula Histórica*. Lisboa: Apenas Livros.
- Baffes, J., & Peter, N. (2022). *Commodity Markets: Evolution, Challenges, and Policies* - World Bank. pp. 1-3.
- Banco de Portugal. (2022). *Evolução das Economias dos Palop e de Timor-Leste*. Lisboa: Departamento das Relações Internacionais.
- Boffo, R., & Patalano, R. (2020). "ESG Investing: Practices, Progress and Challenges", OECD Paris.
- Caixa Geral de Depósitos . (2014). *Internacionalização das Economias. São Tomé e Príncipe: Oportunidades e Potencial de Desenvolvimento*, p. 44.
- Cocoa facts and figures.* (2020). Obtido em 29 de 07 de 2022, de Swiss Platform for Sustainable Cocoa: <https://www.kakaoplattform.ch/about-cocoa/cocoa-facts-and-figures>
- da Cunha Pinheiro, L. (2012). A produção açucareira em São Tomé ao longo de Quinhentos. Em A. C. Roque, G. Seibert, & V. Rosado Marques, *Actas do Colóquio Internacional São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sincrónica* (pp. 27-46). Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Centro de Estudos Africanos (CEA-IUL), Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT).
- Darko, E., Lynch, A., & Smith, W. (September de 2017). *The Impact of Fairtrade: A review of research evidence 2009-2015*. Londres: Overseas Development Institute .

Espírito Santo, A. (2012). Actas do Colóquio Internacional São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sincrónica. *Os constrangimentos ao desenvolvimento de S.Tomé e Príncipe no período pós colonial*, pp. 271-285.

Forjaz, J. (2011). *Geneologias de São Tomé e Príncipe - Subsídios*. Lisboa: DisLivro Histórica.

History of Cocoa. (15 de Agosto de 2018). Obtido em 28 de 06 de 2022, de World Cocoa Foundation: <https://www.worldcocoafoundation.org/blog/history-of-cocoa/>

Machado da Silva, H., & Fernandez, S. (2012). A Roça de São Tomé e Príncipe. Em A. C. Roque, G. Seibert, & V. Rosado Marques, *Actas do Colóquio Internacional São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sincrónica* (pp. 137-156). Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Centro de Estudos Africanos (CEA-IUL), Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT).

Madeira, P. J. (1999). Benchmarking: A Arte de Copiar. *Jornal do Técnico de Contas e da Empresa*, 364.

Mantero, F. (1910). *A mão d'obra em S.Thomé e Príncipe*. Lisboa: O Autor.

Moreira, R. (2021). *Relações Laborais em S. Tomé e Príncipe, 1961 - 1974*. Porto: FLUP.

Nascimento, A. (2018). Quatro décadas de independência, das “mudanças” à indeterminação das vidas em São Tomé e Príncipe. *Cadernos de Estudos Africanos*, 61-87.

O. Afoakwa, E. (2014). *Cocoa Production & Processing Technology*. Florida: CRC Press.

Pape, D. (2016). As Roças de São Tomé e Príncipe - um património da Lusofonia. *Estudo Prévio*, 12-14.

- Pape, D., & Rebelo de Andrade, R. (2015). *As Roças de São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Tinta-da-china.
- Pinho, A. (26 de Novembro de 2008). *BBC para África - Lei fundiária preocupa autoridades*. Obtido de BBC UK:
https://www.bbc.co.uk/portugueseafrica/news/story/2008/11/081126_stplandownershiplawlv.shtml
- Seibert, G. (2015). Colonialismo em São Tomé e Príncipe: hierarquização, classificação e segregação da vida social. *Anuário Antropológico, Brasília, UnB*, 99-120.
- Social - Diogo Vaz Chocolate*. (2021). Obtido em 18 de 05 de 2022, de Diogo Vaz:
<https://www.diogovaz.pt/social>
- Souza, A. (2021). Afro-Asia. *A Importância do Café para São Tomé e Príncipe frente à Proibição do Comércio de Escravizados pela Inglaterra*, pp. 40-67.
- Stoop, P., Ramanan, N., Geens, A., Lambrecht, A., & Dekeister, S. (2021). Fairtrade Internacional. (C-Lever.org, Ed.) *Cocoa Traceability: Case Study*, pp. 6-9.
- UNESCO-EOLSS. (2010). GROWTH AND PRODUCTION OF CACAO. Em H. A. J. Pohlen, & V. Diaz, *SOILS, PLANT GROWTH AND CROP PRODUCTION - Vo.III - Growth and Production of Cacao* (pp. 350-352). Reino Unido: EOLSS Publishers Co. Ltd.
- World Bank. (2022). *O Banco Mundial em São Tomé e Príncipe*. Obtido em 07 de 04 de 2022, de The World Bank:
<https://www.worldbank.org/pt/country/saotome/overview#1>

Anexos

Tabela 1. Perguntas base aos Entrevistados

Há quanto tempo está/esteve em São Tomé e Príncipe?
O que fez/faz em STP?
Visitou muitas roças? Em que estado é que estavam? Eram habitadas?
Como avalia a Saúde do país (dê uma nota de 1 a 10)?
Como avalia a Educação do país (dê uma nota de 1 a 10)?
Como avalia o Estado/Serviço Público do país (dê uma nota de 1 a 10)?
Como avalia as infraestruturas do país (dê uma nota de 1 a 10)?
Onde vê o potencial de São Tomé e Príncipe?
Como prevê o futuro das ilhas num prazo a 50 anos?

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 2. Discriminação dos Entrevistados

Sexo:	M – Masculino F – Feminino
Experiência:	0,5 – 6 meses 1 – 1 ano 1,5 – 1 ano e meio (...)
Repetição:	Em casos, do mesmo sexo e experiência, para haver diferenciação, recorreu-se à utilização de letras A, B, C (...). Exemplo: FA0,5 e FB0,5 – neste caso registamos o mesmo sexo e experiência, mas fazemos a distinção através da letra.

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 3. Perguntas – Diretor, roça Diogo Vaz

Há quanto tempo está/esteve em São Tomé e Príncipe?
Há quanto tempo trabalha para a roça Diogo Vaz?
Em que consiste o seu trabalho na roça?
Como é um dia de trabalho numa roça de STP?
Como é a equipa de trabalho?
Quanto cacau produz a roça Diogo Vaz anualmente?
Como é realizado o transporte dos bens agrícolas e por conseguinte a sua exportação?
Que valores foram necessários investir para retomar a produção agrícola em 2014?
Que valores foram necessários investir para retomar a produção agrícola em 2014?

Fonte: Elaboração própria